



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD

CAMILA PINTO FERNANDES

***“NA ESCOLA, EU APRENDO MAIS COISAS DO QUE NA RUA”*: O SENTIDO
DA ESCOLA PARA CRIANÇAS DA PERIFERIA DE FORTALEZA - CE.**

FORTALEZA

2013

CAMILA PINTO FERNANDES

**“NA ESCOLA, EU APRENDO MAIS COISAS DO QUE NA RUA”: O SENTIDO
DA ESCOLA PARA CRIANÇAS DA PERIFERIA DE FORTALEZA - CE.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, *Campus* do Benfica, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Messias Holanda Dieb.

**FORTALEZA
2013**

CAMILA PINTO FERNANDES

**“NA ESCOLA, EU APRENDO MAIS COISAS DO QUE NA RUA”: O SENTIDO
DA ESCOLA PARA CRIANÇAS DA PERIFERIA DE FORTALEZA - CE.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, *Campus* do Benfica, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Aprovada em ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Messias Holanda Dieb (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a. Dr^a. Ana Paula de Medeiros Ribeiro

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Dr^a. Maria José Albuquerque da Silva

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Toda minha gratidão ao homem mais maravilhoso e amado desse mundo, meu querido pai. O maior incentivador dos meus sonhos e que me ajuda a realizar um por um. Obrigada por fazer minha vida mais alegre e colorida e por está ao meu lado em todas as circunstâncias. Amo-te incondicionalmente, essa conquista também é sua!

Também dedico ao meu saudoso Manoel Fernandes, o meu vovô Bebel. O homem mais sábio que tive o privilégio de conhecer e conviver. Aquele que nunca precisou de livros e títulos para ser quem foi, sempre nos ensinou a colecionar vitórias com honestidade. Jamais esquecerei deste grande homem, desse bom motivo que me faz seguir em frente. O meu diploma é todo seu, meu mestre guerreiro. (*In Memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela força e inspiração na concretização deste trabalho e por me permitir continuar sonhando e realizando.

A minha avó, **Judite Fernandes**, minha preciosidade que com seu amor me educou e me fez andar sempre pelo caminho do bem.

Ao meu amado noivo, **Cleiton Lins**, meu destino mais que perfeito. Obrigada pelo apoio, paciência e dedicação de todos os dias e por compartilhar comigo sonhos e vida.

Ao meu orientador e querido amigo, Professor **Dr. Messias Holanda Dieb**, por me aceitar como sua orientanda, por toda a paciência, dedicação e por traduzir junto a mim tudo o que pretendia expor neste trabalho. Um grande mestre que estará sempre em meu coração.

As professoras **Ana Paula de Medeiros Ribeiro e Maria José Albuquerque da Silva**, pela participação em minha banca, por todo o carinho e atenção atribuídos a mim durante essa etapa da minha vida. Agradeço ainda pela leitura atenta e cuidadosa desta monografia e suas contribuições para a versão final.

Aos meus irmãos, **Carine, Carla e Mateus**, presentes mais valiosos concedidos por Deus. Meus amigos de todas as horas com quem eu posso sempre contar.

Aos meus tios queridos, em especial, **Maria Helena, Elizete e Maristela**, que me acolheram tão bem. Obrigada pelo carinho e apoio incondicional em todos os momentos, principalmente aqueles mais complicados nessa etapa tão difícil da minha vida.

As minhas queridas primas, **Letícia e Elisbete**, que sempre acreditaram na minha capacidade e no meu talento.

A minha querida mãe, **Ronivângela Mendonça**, que mesmo estando mais ausente é sempre presente em minha vida. Obrigada pela preocupação e amor sincero.

A minha querida **Jane**, sem dúvida, uma das referências para minha escolha profissional. A quem eu devo muitos ensinamentos.

Aos professores do curso de Pedagogia pelo conhecimento que me ajudaram a adquirir ao longo desses anos.

E as minhas queridas, guerreiras e lindas amigas, **Pollyana, Ana Iza, Natália, Jéssica, Sarinha**, e as demais que, assim como eu, lutam incansavelmente para conseguir aquilo que almejam. Vocês também são vitoriosas e eu as amo demais. Obrigada pelo carinho, paciência e convivência.

“A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém”.

(PAULO FREIRE)

RESUMO

O trabalho tem como objetivo analisar a relação que um grupo de crianças de uma zona periférica e marginalizada de Fortaleza estabelece com a escola, com base nos elementos que ainda sustentam sua mobilização para frequentar essa instituição e nos sentidos que atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, traça como objetivos mais específicos: discutir os móbeis que sustentam e impulsionam a frequência das crianças na escola, e compreender os sentidos que elas atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Para a fundamentação teórica, foram utilizadas as reflexões de Charlot (2000; 2005) sobre o conceito e a abordagem da *relação com o saber e com a escola*. Para a construção dos dados, foram utilizadas três técnicas de pesquisa: a técnica dos desenhos, das produções textuais e a entrevista, todas realizadas na escola em análise. Com relação aos dados coletados, pode-se constatar que os alunos se mobilizam a frequentar a escola devido à relação que eles constroem com seus professores e colegas, bem como devido às brincadeiras existentes nesse meio educacional e a promessa de um futuro promissor. No que se refere aos sentidos atribuídos à escola como saber formal, para os alunos, esta é vista como um lugar de educação e de fazer amigos, também é um lugar de diversão, de formação de profissionais e cidadãos e, ainda, o lugar mais propício para a obtenção de conhecimentos e aprendizagens. Com base nesses aspectos, concluímos que, apesar do meio social em que os estudantes se encontram, este não os desestimula a frequentar e a valorizar a escola. Com isso, torna-se cabível que os professores valorizem as potencialidades de seus educandos, suas histórias de vida, respeitem suas motivações e os sentidos que eles atribuem a escola.

Palavras-chaves: Relação com o saber, móbeis, sentidos.

ABSTRACT

The study aims to analyze the relationship that a group of children from marginalized and a peripheral zone of Fortaleza down with school, based on the elements that still maintain their mobilization to attend this institution and the senses they attach to school knowledge in the early grades Elementary School. In this sense, moth as more specific objectives: discuss the mobiles that support and boost the frequency of children in school, and understand the meanings they attach to school knowledge in the early grades of elementary school. For the theoretical background, we used the reflections of Charlot (2000, 2005) on the concept and approach to knowledge and relationship with the school. For the construction of the data, we used three research techniques: the technical drawings, textual productions and interviews, all conducted at the school in question. Regarding the data collected, it can be seen that students are mobilizing to attend school because of the relationship they build with their teachers and classmates, as well as due to existing games in the educational environment and the promise of a bright future. With regard to the meanings attributed to the school as formal knowledge, for students, this is seen as a place of education and make friends, it is also a place of fun, training of professionals and citizens, and yet, the most conducive to the attainment of knowledge and learning. Based on these aspects, we conclude that, despite the social environment in which students are, this discourages them not attending school and value. Thus, it is appropriate that teachers value the potential of their students, their life stories, their motivations and respect the meanings they attach to school.

Keywords: Relationship to know, mobiles, senses.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Começando a Discussão.....	10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – Discutindo Conceitos.....	14
1.1 O conceito de relação com o saber.....	14
1.2 Os conceitos de atividade, mobilização e sentido.....	17
1.3 A violência nos meios populares e a relação com a escola.....	19
2 METODOLOGIA – Os caminhos da pesquisa.....	22
2.1 O lócus e o sujeito da pesquisa.....	22
2.2 As técnicas de construção de dados.....	25
2.3 Tratamento e análise dos dados.....	28
3 ANÁLISE DOS DADOS – A relação dos alunos com a escola e com o saber....	31
3.1 A mobilização das crianças frente a escola e o saber escolar.....	31
3.1.1 <i>A relação com os professores.....</i>	<i>31</i>
3.1.2 <i>A relação com os colegas.....</i>	<i>35</i>
3.1.3 <i>As brincadeiras na escola.....</i>	<i>39</i>
3.1.4 <i>A promessa de um futuro promissor.....</i>	<i>43</i>
3.2 Os sentidos de ir à escola.....	45
3.2.1 <i>A escola é lugar de educação e de fazer amigos.....</i>	<i>46</i>
3.2.2 <i>A escola é também lugar de diversão.....</i>	<i>47</i>
3.2.3 <i>A escola é lugar de formar cidadãos e profissionais.....</i>	<i>48</i>
3.2.4 <i>A escola é lugar de aprender.....</i>	<i>49</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS – Amarrando as pontas.....	51
Pontos Essenciais do Trabalho.....	51
Implicações da Pesquisa.....	54
Sugestão de Continuidade da Pesquisa.....	55
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE – A.....	57
APÊNDICE – B.....	63

Introdução

COMEÇANDO A DISCUSSÃO

Diversos são os problemas existentes na educação brasileira, os quais vão desde a infraestrutura básica das escolas até o seu funcionamento enquanto agência de formação humana. Dentre eles, podemos citar alguns que estão materializados em aspectos como: a progressão continuada, a estrutura da escola pública, a desvalorização dos professores e a falta automática de acompanhamento da família nos processos educacionais dos estudantes. Estes problemas, portanto, possuem um cunho tanto político como social e cultural.

No que diz respeito ao primeiro problema mencionado, este implica em passar o aluno de ano automaticamente, adquirindo esse feito sem grandes esforços. Por isso, o aluno chega ao final da primeira etapa do ensino fundamental, na maioria dos casos, sem saber, por exemplo, ler e escrever adequadamente para essa etapa do ensino, tornando-se, no futuro, um sujeito iletrado (FERREIRO, 2000). Nessa perspectiva, o aluno parece ser preparado para continuar na escola e não para atuar mais amplamente na vida e nos muitos espaços de relações que existem na sociedade.

Quanto à estrutura das escolas públicas, em sua maioria precária, esta parece ter influência direta no desinteresse e na desmotivação dos alunos. Isto ocorre porque muitas não possuem quadras de esporte, biblioteca, salas de computação, áreas verdes, dentre outros elementos essenciais que contribuem para o aprendizado significativo dos alunos e para a sua satisfação em estar nesse ambiente. Desse modo, não faz sentido estudar em espaços que não favoreçam o conforto, o lazer e bem-estar.

No que concerne a não valorização dos professores, em especial por parte do governo e também da comunidade na qual a escola está inserida, este é um grande problema porque o professor possui papel essencial na formação e desenvolvimentos dos estudantes. Sem o professor, não existe escola, assim como sem os estudantes e demais profissionais que a constituem. O professor perpassa a educação do nosso país na forma de baixos salários, de descaso com sua profissão, de desrespeito quanto ao seu nível de escolaridade. Enfim, são sérios os fatores que contribuem para que o profissional da educação se sinta desrespeitado,

desvalorizado. Por conseguinte, isso acaba gerando uma desmotivação dos docentes em relação ao ato de ensinar, o que pode ter influência sobre o aprendizado dos estudantes.

Em adendo a tudo isso, podemos pensar ainda na complicação causada pela ausência das famílias na escola, traduzida na falta de parceria entre pais e professores. Esta situação pode ser explicada, pela falta de informação, a falta de tempo, devido ao trabalho diário, ou a representação de que a escola é a única responsável pela educação e pelo futuro bem sucedido de seus filhos. Todos esses problemas, sem dúvida, tendem a ser os responsáveis, em seu conjunto, por gerarem altos índices de evasão, de analfabetismo funcional e por desinteresse pela atividade de estudar.

Como citado nos parágrafos anteriores, diversos são os problemas que se apresentam na educação escolar brasileira, mais particularmente os relacionados com o desempenho escolar. Nesse sentido, as dificuldades apontadas perpassam todas as regiões do Brasil, em especial as regiões Norte e Nordeste. Nesta última, por exemplo, manifestaram-se em 2011 um dos piores indicadores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), um programa de avaliação do governo federal que objetiva “medir a qualidade de cada escola e cada rede de ensino” no país, de acordo com os dados oficiais do Ministério da Educação (MEC)¹. De acordo com os resultados desse índice em 2011, os nove estados que compõem a referida região exibem números de 3,5 a 4,7, os quais se referem ao desempenho dos estudantes nas avaliações do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) e em taxas de aprovação da rede pública de ensino. Esses resultados não podem, portanto, serem considerados bons porque com tantos recursos disponíveis para a educação, o compromisso dos envolvidos deveria ser maior, a fim de melhorar tais rendimentos escolares e integrar os estudantes nesse meio repleto de oportunidades.

Falando mais especificamente do nosso estado, o Ceará, este foi o estado mais desenvolvido da região Nordeste, pois, de 2007 a 2011, se apresentou com 4,7 de avanço e desempenho. No entanto, ele ainda continua perdendo para os estados do centro oeste, do sudeste e do sul. A sua capital, Fortaleza, a qual escolhemos para a realização de nossa pesquisa, avançou de 3,5 em 2007 para 4,2 em 2011. Ainda assim, não podemos nos dar por satisfeitos se pensarmos no alto índice de violência (apresentada em suas várias dimensões) existente na capital, bem como nas grandes desigualdades que ela apresenta. Problemas como

¹ Mais informações no site: portal.mec.gov.br

o índice significativo de evasão escolar, de analfabetismo e de repetência, ainda estão presentes na realidade dessa cidade como situações complexas e que merecem toda a atenção do poder público.

No que se refere mais especificamente à violência, considerada um fenômeno social relevante, e principal ponto de partida para nossa discussão, ela está presente não só nos bairros pobres e marginalizados de Fortaleza, mas também nas suas áreas nobres que, muitas vezes, aparentam estar ilesas acerca desse problema. É inegável que o foco na violência recai sempre sobre as áreas menos favorecidas da população, seja por meio da imprensa, de um modo geral, ou pela própria representação que a sociedade constrói sobre os bairros mais populares. Com base nessa perspectiva, é que nos interessamos pelo sentido que a escola pode apresentar para crianças da periferia, em nosso caso a da cidade de Fortaleza.

Remetemo-nos ao fato de que nesse meio social, desvalorizado e muito desfavorecido de aparatos intelectuais, de oportunidades ausentes, marcado pelas drogas, abusos sexuais e tantas outras barbaridades, estão inseridas muitas crianças. Trata-se de um contexto social que também está presente no cotidiano de muitas outras crianças brasileiras, sendo considerado um meio ameaçador, assustador e difícil de viver para elas e suas famílias. Assim sendo, ocorre-nos a curiosidade de saber como se caracteriza a relação de um grupo de crianças de uma zona periférica e marginalizada de Fortaleza com a escola; O que as fazem permanecer na escola; E quais os significados que elas atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Em função dessas questões, o nosso objetivo é analisar a relação que um grupo de crianças de uma zona periférica e marginalizada de Fortaleza – CE estabelece com a escola, com base nos elementos que ainda sustentam sua mobilização para frequentar essa instituição e nos sentidos que atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Logo, a presente pesquisa surgiu com o propósito de compreender como se caracteriza a relação de um grupo de crianças residentes neste meio social tão desigual, violento e marginalizado de Fortaleza, com a escola. Como desdobramento desse propósito maior, buscamos compreender o que fazem essas crianças permanecer na escola e quais os significados que elas atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

A fim de melhor organizar a apresentação dessas discussões, a presente monografia traz, inicialmente, as reflexões que fundamentaram nossos objetivos. Em seguida, narraremos

como tais objetivos foram alcançados através das técnicas de pesquisa que escolhemos para esse fim. Subsequentemente, apresentaremos os achados que as referidas técnicas nos proporcionaram. E, por último, teceremos nossas considerações finais acerca dos pontos que se mostraram mais relevantes durante a pesquisa.

Capítulo 01

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

DISCUTINDO CONCEITOS

Neste capítulo, buscaremos argumentos para fundamentar os nossos objetivos, os quais tratam de conhecer os móveis que sustentam e impulsionam a frequência das crianças na escola e compreender os sentidos que elas atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Para isso, abordaremos inicialmente as discussões em torno do conceito de Relação com o saber; em seguida, explicaremos sobre os conceitos de atividade, mobilização e sentido. Por fim, abordaremos assuntos ligados à violência em meios populares e a relação com a escola de crianças residentes desses meios.

1.1. O conceito de relação com o saber

O conceito de relação com o saber surgiu através da necessidade de entender alguns questionamentos que “presidiram o nascimento da equipe de pesquisa ESCOL”, uma equipe de pesquisadores franceses, dentre eles Bernard Charlot, que buscavam entender os motivos do fracasso escolar de certos alunos, tal equipe iniciou seus estudos a partir de 1987.

A grande questão que movia essa equipe de pesquisadores era a que suscitava o porquê de o tão afamado fracasso ser mais presente em estudantes residentes de meio social desfavorecido, apesar das exceções, uma vez que muitos alcançam, em meio a tantas dificuldades, sucesso nos estudos e conseqüentemente na vida. Com o intuito de responder a tal questionamento, a equipe ESCOL “desenvolveu pesquisas sobre as relações com o saber e com a escola de jovens que frequentam estabelecimentos de ensino em subúrbios” da cidade de Paris (CHARLOT, 2000, p. 09).

O interesse por esses jovens e sua situação socioeconômica e educacional se deu devido ao fato de que a criação da ESCOL representou uma crítica às teorias reprodutivistas. Essas teorias, representadas por autores como Bourdieu, Althusser e Passeron, por exemplo, afirmavam que a origem social dos alunos se constitui em desigualdades escolares. Desse modo, é através do capital cultural que designamos o sucesso ou fracasso de cada aluno. Portanto, para essa teoria reprodutivista, a posição social ocupada pelos pais é o que determinará a posição dos alunos dentro da escola.

Nesse sentido, o questionamento feito por Charlot (2000) e sua equipe era o de que, apesar das dificuldades, alguns estudantes de famílias desfavorecidas obtêm sucesso escolar. Ou seja, “as relações que o sujeito constrói com o saber têm a marca da origem social, mas não são determinadas por ela”. (CORDEIRO, 2010, p. 110). Nesse percurso, portanto, é que surge o conceito de relação com o saber, proposto por Charlot (2000), o qual também representa uma abordagem diferente acerca do fenômeno do fracasso escolar, tomando-o como algo que não existe, pois o que existem são situações de fracasso.

Sendo, pois, um dos pesquisadores mais renomados dessa equipe, Charlot (2000) teorizou e divulgou para o mundo o conceito de relação com o saber, o qual se refere a todas as relações do sujeito com o mundo que o cerca, com os outros com quem o sujeito convive nesse mundo e consigo mesmo, sempre mediados por desejos e motivações, os chamados móbeis. Ainda nas palavras desse estudioso,

- A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro, e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender;
- A relação com o saber é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com “o aprender” e o saber;
- Ou, sob uma forma mais “intuitiva”: a relação com o saber é o conjunto das relações que um sujeito mantém com um objeto, um “conteúdo de pensamento”, uma atividade, uma relação interpessoal, um lugar, uma pessoa, uma situação uma ocasião, uma obrigação, etc., ligados de uma certa maneira com o aprender e o saber; e, por isso mesmo, é também relação com a linguagem, relação com o tempo, relação com a ação no mundo e sobre o mundo, relação com os outros e relação consigo mesmo enquanto mais ou menos capaz de aprender tal coisa, em tal situação. (CHARLOT, 2000, p. 80-81)

É, portanto, através dessas relações que o sujeito constitui sua identidade, que vai tomando forma o desejo de aprender do sujeito, desejo este que impulsiona o indivíduo em direção ao saber.

Essas relações são denominadas pelo autor de epistêmicas, sociais e identitárias. São epistêmicas por se tratarem de uma relação de saber com o mundo, mundo este que toma a forma de um saber a ser apropriado pelo sujeito. São também sociais porque se tratam de relações com os outros com quem o sujeito convive no mundo. Por fim, são igualmente identitárias porque dizem respeito a relações que o sujeito desenvolve consigo mesmo, conhecendo-se ao mesmo tempo em que conhece o mundo e os outros. Desse modo, no que diz respeito à educação, essa teorização indica que o mais importante é respeitar as singularidades dos educandos e compreender o papel ativo que eles possuem na relação pedagógica, dentro e fora da sala de aula.

Como podemos perceber, torna-se fundamental entender o sujeito como sendo um conjunto de relações. Nesse sentido, Charlot o define como

um ser humano, aberto a um mundo que não se reduz ao aqui e agora; um ser social, que nasce e cresce em uma família, que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais; um ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade. (CHARLOT, 2000, p. 33).

Estudar a relação com o saber significa examinar, portanto, o sujeito e suas relações com lugares, pessoas, objetos, regras, situações, sempre que a questão do saber e do aprender estiverem em jogo.

Isto se justifica porque, ao nascer, o homem entra em um conjunto de relações e interações com os outros homens, ele ocupa um lugar social, sendo necessário que exerça uma atividade. Por este motivo, “nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender” (CHARLOT, 2000, p. 53), sendo que ninguém pode escapar dessa obrigação, pois o sujeito só pode torna-se algo se ele se apropriar do mundo e, nas palavras de Charlot, se ele souber intervir nesse mundo, comunicar com os demais sujeitos, partilhar o mundo com eles, viver experiências, dentre outras apropriações. Assim sendo, é necessário que compreendamos que a relação com o saber é a relação com o mundo como “conjunto de significados” e também como um espaço de atividades.

No caso de nosso TCC, o mundo que estudamos diz respeito aos sujeitos inseridos em um meio ameaçador e violento. Estudar como vivem esses sujeitos implicou conhecer o contexto social que eles estavam implantados, bem como suas histórias de vida. Por conseguinte, compreender o que eles fazem nesse espaço, onde moram e constroem suas relações nos ajudou a fundamentar nossos objetivos, que seriam discutir os móveis que sustentam e impulsionam a frequência das crianças na escola e compreender os sentidos que elas atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Além disso, Charlot nos lembra que a relação com o saber é uma relação com o tempo, ou seja, “a apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros requerem tempo e jamais acabam”. (CHARLOT, 2000, p. 78). No caso de nossa pesquisa, essa afirmação do autor nos sugeriu que estudássemos a relação das crianças com o saber e com a escola também como uma relação com o seu tempo histórico. Isso se fez importante para que compreendêssemos os objetivos citados anteriormente.

Com efeito, pelo que vimos até aqui, para discutirmos a frequência das crianças na escola e compreender os sentidos que elas atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental, foi preciso aprofundar o conhecimento acerca de três outros conceitos que estão intimamente atrelados ao conceito de relação com o saber. São eles: atividade, mobilização e sentido.

1.2 Os conceitos de atividade, mobilização e sentido

Os conceitos de atividade, mobilização e sentido são utilizados frequentemente nas análises da relação com o saber, realizadas pela equipe ESCOL. Isso ocorre porque a formulação básica da teoria da relação com o saber é a de que: para que um sujeito se engaje em uma atividade ele precisa encontrar sentido e desejos para se mobilizar a realizá-la. Desse modo, para estudarmos a frequência e o engajamento das crianças, partícipes da pesquisa, na escola, foi necessário que estivéssemos atentos aos móbeis e sentidos atribuídos por elas.

Com o intuito de explicarmos o que cada um desses conceitos significa, pensemos na seguinte situação: “A mãe de Clara queria que ela frequentasse aulas de balé, mas o que Clara gostava mesmo era de futebol. Desse modo, é muito provável que Clara não se tornasse uma bailarina, uma vez que ela, talvez, não realizasse grandes esforços para tentar aprender o balé”. Ou seja, conforme afirma Charlot (2000), para que uma atividade aconteça é necessário que haja mobilização, interesse, desejo, mas isso só será possível se a situação apresentar um sentido, um significado para o sujeito. Com isso, podemos perceber que tais conceitos, atividade, mobilização e sentido, são indissociáveis e que um depende do outro para que a situação aconteça, para que a atividade possa ser, de fato, concretizada.

Apesar dessa indissociabilidade, podemos, para fins de melhor compreensão, falar um pouco mais sobre cada um separadamente. Assim, no que se refere ao conceito de mobilização, Charlot (2000, p. 55) nos diz que ele “implica a ideia de movimento. Mobilizar é pôr em movimento; mobilizar-se é pôr-se em movimento [...] Mobilizar é pôr recursos em movimento, mobilizar-se é reunir suas forças, para fazer uso de si próprio como recurso”. Desta maneira, mobilizar pode ser considerado sinônimo de movimento, ou seja, de pôr em prática uma determinada atividade.

A atividade, por sua vez, é sempre orientada por móbeis, ou seja, por razões que fazem com que ela aconteça. Assim sendo, o móbil é aquilo que movimenta, é o motivo para

se alcançar os objetivos de uma atividade. Ele é o desejo que desencadeou a atividade, a qual deve ser considerada como “um conjunto de ações propulsionadas por um móbil e que visam a uma meta”, isto é, um objetivo. Portanto, “a criança mobiliza-se, em uma atividade, quando investe nela, quando faz uso de si mesma como de um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor” (CHARLOT, 2000, p. 55).

A partir dessas definições, podemos dizer que o conceito de sentido refere-se aquilo que orienta a ação em busca de um objetivo, é a relação entre a meta a ser alcançada e os móveis que auxiliam o sujeito na concretização da atividade. Retomemos, pois, o exemplo do balé, questionando: Que sentido terá para Clara aprender a dançar balé? Obviamente que nenhum sentido, uma vez que ela não gosta dessa atividade. Já no que concerne a jogar futebol, pode-se ponderar diversos sentidos, dentre eles, o de ser uma jogadora profissional, o de apresentar uma condição social favorável, tendo em vista o salário que um jogador ganha, ou ainda, o de prazer e gosto pelo esporte, tão popular em nosso país.

A partir dessa explicação, Charlot vai definir o sentido, baseado na teoria da atividade de Leotiev, dizendo que se trata de “um sentido para alguém que é um sujeito. [...] é a relação entre a meta e seu móbil, entre o que incita a agir e o que orienta a ação, como resultado imediatamente buscado” (CHARLOT, 2000, p. 56). Em outros termos, o sentido diz respeito à ação realizada em busca de alcançar aquilo que almejamos.

No que concerne aos objetivos de nossa pesquisa, as atividades das crianças acerca das quais estivemos atentas, dizem respeito aos seus fazeres dentro da escola, as brincadeiras, os estudos, as conversas, as relações construídas, dentre outros pontos. Em função disso, buscamos compreender quais os motivos, encontrados por elas, para o engajamento em tais atividades.

Além de tais motivos, os quais Charlot chama de móveis, buscamos compreender o sentido que as crianças atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nesse sentido, estivemos concentrados no valor que elas conferiram às atividades realizadas. Isso foi importante porque a compreensão de tais sentidos nos levou a perceber as relações que essas crianças construíram com a escola, enquanto instituição de ensino.

1.3 A violência nos meios populares e a relação com a escola

A cada dia, torna-se mais crescente o índice de violência nos meios populares de todo o país. A sensação de insegurança que se instaura no dia-a-dia das pessoas, devido a distintas barbaridades, tais como agressões com armas, estupros, homicídios, abusos, drogas, é cada vez mais frequente e ameaçador. Assim, a violência ocupa um lugar central no cotidiano das grandes cidades e as realidades vividas em zonas periféricas de uma cidade como Fortaleza, por exemplo, não estão isentas de atos de repressão.

Para Charlot (2002), a maioria das crianças e jovens representa a escola como via de inserção profissional e social sendo, dessa forma, apagada a ideia da escola como lugar de sentido e prazer. Em relação a esse aspecto, Charlot até concorda com Bourdieu (*apud* NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2006) quando este analisa o tipo de relação que as classes sociais constroem com a educação escolar. Para Bourdieu, as classes mais populares veem na educação escolar algo distante de suas realidades, estranho e muitas vezes ameaçador. O que difere com as crianças oriundas de meios culturalmente favorecidos, do qual a educação escolar é uma espécie de continuação da educação familiar. Desse modo, a escola torna-se o meio social mais acessível, ou quiçá o único, para o acesso e a expansão de novos conhecimentos e saberes, no caso de indivíduos provenientes de classes sociais menos favorecidas.

O que Charlot, no entanto, discorda é o fato de que as crianças das classes mais populares estejam fatalmente condenadas ao fracasso, à violência ou à exclusão social. Ainda de acordo com este autor (1999, p. 433), atualmente muito se houve falar sobre violência na escola, apesar de essa questão não ser tão nova assim:

As relações entre alunos eram frequentemente bastante grosseiras nos estabelecimentos de ensino profissional dos anos 50 ou 60 [do século XX]. Todavia, se a violência na escola não é um fenômeno radicalmente novo, ela assume formas que estas sim, são novas, tais como homicídios e estupros.

Como podemos perceber, a violência pode assumir contornos bastante diferentes com o passar dos anos. Isto se explica porque, para os pesquisadores de estudos da violência na cidade de Fortaleza, através do mapa da criminalidade e da violência em Fortaleza, esta é entendida como algo que é construído social e culturalmente. Dito de outro modo, ela varia no tempo e no espaço, diferencia-se de sociedade para sociedade e de cultura para cultura.

Nessa perspectiva, “a escola não se apresenta mais como um lugar protegido, até mesmo sagrado, mas como um espaço aberto às agressões vindas de fora” (CHARLOT, 1999, p. 433). Todavia, para Charlot, é preciso haver uma distinção nos conceitos de violência na escola, violência à escola e violência da escola. Segundo este autor,

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. [...] A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam [...] (p. 434 - 435).

Seja qual for o nome que receba, o fato é que a violência é uma realidade e, por isso, torna-se algo preocupante e merecedor de atenção. Contudo, isso não significa, na visão de Charlot (2000), que as crianças dos meios populares sejam consideradas pessoas violentas, malvadas, marginais. Na condição de sujeitos, as crianças são sempre capazes de transformar seus destinos e as realidades das quais estão inseridas. Por isso, não devemos generalizar os sujeitos devido as suas condições de vida.

É com base nessa perspectiva da relação com o saber que Charlot (1999) nos ajuda a defender o seguinte: do mesmo modo como as crianças dos meios populares não estão condenadas ao fracasso, elas também não estão marcadas pela violência que as cerca. Em outros termos, o que queremos dizer é que as crianças não desenvolverão necessariamente uma relação de violência com a escola apenas porque convivem com um contexto de violência. Tudo vai depender, na visão de Charlot, da relação de sentido que elas construirão com a escola. Portanto, se as crianças encontrarem sentido na escola e nas atividades que ela oferece, muito possivelmente elas cuidarão e desenvolverão um relação de afetividade com esse espaço. Com base nisso, o oposto também pode ser válido, isto é: o índice de violência na escola pode aumentar consideravelmente, uma vez que estar nela possa não ser motivo de prazer, satisfação e desejo para os sujeitos.

Ao estudarmos a relação das crianças com a escola, pudemos detectar que existem exceções, visto que elas, mesmo cercadas de violência, atribuem um sentido positivo à escola e ao que nela se pratica como saber formal. Dessa maneira, fica provado, como defende Charlot (2000), que a posição social não determina o sucesso ou o fracasso nos estudos, uma

vez que nem todo mundo fracassa, podendo também atingir sucesso na vida profissional e pessoal, apesar do meio em que vive. Portanto, nossa pesquisa revelou que o sentido que as crianças atribuem a escola onde frequentam tem tudo a ver com a realidade da qual elas são constitutivas, embora esse sentido tome uma direção completamente oposta ao que seria o esperado no senso comum, haja vista ser dura e cruel a trajetória de violência, pobreza e exclusão social em que se encontram suas “pequenas” histórias de vida.

Capítulo 02

METODOLOGIA

OS CAMINHOS DA PESQUISA

Este capítulo apresentará os procedimentos utilizados para construção dos dados de nossa pesquisa, e que serão relatados na presente Monografia. Utilizamos uma pesquisa qualitativa para a realização deste estudo, nos embasando teoricamente nas colaborações de Severino (2007), é qualitativa uma vez que os objetivos primordiais são a observação, a descrição, a compreensão e o significado. Para isso, iniciaremos com uma contextualização dos sujeitos envolvidos na pesquisa, seus costumes, modos de vida e meio social. Em seguida, descreveremos os caminhos metodológicos que percorremos, bem como os procedimentos e escolhas realizados para o alcance dos objetivos apresentados anteriormente.

2.1 O Lócus e o sujeito da pesquisa

O estado do Ceará, do qual a cidade de Fortaleza é a capital, é denominado de a Terra da Luz, por ter sido, de acordo com historiadores, a primeira província brasileira a libertar os escravos. O Ceará é também uma terra muito visitada por turistas de todo o mundo, devido ao sol escaldante, as belas praias, as comidas típicas, a religiosidade e o artesanato. Parece-nos, pois, um ótimo lugar para férias, haja vista as diversas características positivas que o estado apresenta.

No entanto, estamos em meio a uma grande contradição se pensarmos, por exemplo, na Fortaleza marcada pela violência em suas várias dimensões. Aqui, assim como no resto do país, existem problemas de todo tipo, como latrocínios, estupros, agressões verbais e físicas. Além disso, a cidade também é marcada pela droga, pela insegurança, dentre outras barbaridades tão presentes nos meios populares, principalmente aqueles que se encontram em bairros mais marginalizados e periféricos, como os bairros da Aerolândia, Tancredo Neves e favelas do Lagamar e Maravilha, nos quais estão inseridas as crianças estudadas na presente pesquisa.

É frequente nos programas jornalísticos da capital, manchetes de crimes, assaltos, mortes e notícias sobre o uso excessivo de drogas por parte de pessoas que moram em tais bairros. Obviamente, isso não quer dizer que todos que lá se encontram façam parte de

tamanha dificuldade social. Sabemos ainda que, nesses bairros, assim como em tantos outros que constituem a capital, existem pessoas trabalhadoras, que lutam por seus ideais, que preservam a infância de seus filhos e as incentivam a frequentarem a escola com o intuito de, futuramente, seus filhos conseguirem ter um trabalho digno, uma casa confortável, uma vida melhor do que a deles, seus pais. Essas pessoas guerreiras, lutadoras e persistentes se encaixam no perfil dos pais e/ou familiares próximos e responsáveis pelos alunos envolvidos em nossa pesquisa.

Os pais das crianças com quem convivemos durante a pesquisa, são pessoas batalhadoras que valorizam a importância do estudo e da escola. Sua principal fonte de renda é o “Bolsa Família”, programa do Governo Federal destinado às famílias carentes que não possuem uma renda mensal fixa. Pelo que pudemos inferir, sua formação escolar é inacabada, ou seja, muitos não concluíram o Ensino Fundamental.

No geral, os pais frequentam a escola para observar a frequência de seus filhos e o acompanhamento dado pelos professores. É verdade que essa preocupação não se resume a todos os pais, visto que muitos trabalham o dia todo e não conseguem adquirir tempo para se dedicar aos filhos, passando a atribuir todas as responsabilidades educacionais à escola. No entanto, nos deparamos com muitos pais acolhedores, conversando com as professoras de seus filhos, buscando ajudar e participar. Pelo que pudemos perceber, a escola também é muito acolhedora, recebe com carinho os pais de seus estudantes, conversam, tiram dúvidas, todos agem em uma grande parceria.

Em suma, esses pais buscam transmitir, com clareza, esses ensinamentos a seus filhos e uma prova disso foram os resultados obtidos na pesquisa. Como um sinal dessa atitude, vimos crianças preocupadas com seu futuro, preocupadas em ter bons modos, em tratar bem as pessoas, preocupadas com seus estudos, em aprender e se desenvolver. Portanto, a parceria existente entre pais e escola é de fundamental importância para a concretização de ensinamentos que percorrerão por toda a vida das crianças.

A escola, que atende as crianças dos bairros acima citados, localiza-se na Aerolândia, cujo nome omitiremos por questões éticas. Para tais crianças, um ambiente acolhedor, colorido, divertido. Um ambiente limpo, muito bem estruturado e equipado, com profissionais responsáveis e comprometidos com a educação. Nela, parece até ser possível blindar-se contra a violência presente em suas vidas, daí a importância que elas demonstraram no que

concerne a cuidar, preservar e proteger a escola, como veremos em seus mínimos detalhes no capítulo de análise, mais adiante.

Faz parte do entorno de onde a escola se localiza uma praça muito arborizada. Nesse local, é possível ver idosos se exercitando, pessoas conversando, ver calma e tranquilidade. A relação da escola com esses espaços é satisfatória, alguns professores já realizaram recreação nesse local, pela manhã. No entanto, existem horários que ela fica deserta, porque os bandidos dominam o espaço. A população, dessa forma, se priva desse conforto e calma que a praça proporciona devido ao medo e insegurança.

Em seu interior, a escola possui salas de aula iluminadas e ventiladas, uma quadra de esportes grande e limpa, uma biblioteca bem equipada, sala de informática, pátio de recreação, muitas árvores que deixam o ambiente ventilado e arborizado. Existem ainda brinquedos para a recreação, sala de estudo, sala dos professores, sala da diretoria, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e uma cantina.

Cuidam dessa estrutura um grupo gestor, formado por uma Diretora e vice Diretora, uma secretária e dois coordenadores pedagógicos. O corpo docente é composto por 38 professores. Quanto aos funcionários de serviços gerais da escola, existem 13, incluindo merendeiras e cozinheiras, porteiros e zeladores.

No que concerne aos estudantes, à escola atende crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Esses níveis de ensino funcionam nos períodos da manhã e tarde. À noite o público atendido são alunos da Educação de Jovens e Adultos. No entanto, apesar dessas informações, vale ressaltar que os sujeitos de nossa pesquisa são estudantes do Ensino Fundamental I.

No que concerne especificamente a esse nível de ensino, a referida escola em que decidimos realizar a pesquisa, conta com 25 turmas, sendo 13 turmas pela manhã e 12 turmas no período da tarde. Sabendo da impossibilidade de trabalhar com um número exagerado de crianças, decidimos realizar esta pesquisa com apenas 05 turmas da mencionada modalidade de ensino. Para isso, escolhemos, através da indicação dos gestores da escola, uma turma do 1º, do 2º, do 3º, do 4º e do 5º anos. Cada turma selecionada continha respectivamente, 22, 21, 22, 23 e 26 alunos, totalizando um número de 114 alunos ao todo.

No entanto, conseguimos realizar a pesquisa apenas com 90 alunos (16 alunos do 1º ano; 17 alunos do 2º ano; 17 alunos do 3º ano; 16 alunos do 4º ano e 24 alunos do 5º ano) devido à ausência de alguns nos dias em que estivemos presente na escola para a construção dos dados. Essa ausência foi sentida principalmente no dia em que fomos realizar as atividades em sala de aula, pois quanto maior o número de estudantes para a coleta de dados, mais rico o nosso trabalho ficaria. Como só frequentaram 90 alunos foi com eles, portanto, que decidimos realizar as técnicas escolhidas.

Para a realização deste trabalho, contamos com o apoio de todos os profissionais que constituem o ambiente educacional escolhido, bem como com as crianças envolvidas que participaram ativamente do projeto e nos acolheram muito bem. Optamos por trabalhar com crianças do Ensino Fundamental I, devido à clareza nas respostas e maior domínio que estas possuem na escrita e na articulação das palavras, uma vez que as técnicas utilizadas para a realização desta pesquisa foram a entrevista, a produção de desenhos com as explicações das crianças e as produções textuais.

Compondo as 90 crianças, participaram 48 meninos e 42 meninas, todos na faixa etária entre 6 e 10 anos de idade. Na tabela a seguir, podemos ver distribuídos os números de meninos e meninas e a sua idade, mais precisamente.

ANO	QUANTIDADE TOTAL	MENINOS	MENINAS
1º	14	8	6
2º	19	8	11
3º	17	10	7
4º	16	7	9
5º	24	15	9

No que concerne a essa tabela, vale salientar que, no 1º ano, existem dois alunos que já possuem 7 anos de idade, por isso estão inclusos na tabela do 2º ano, daí a diferença com os dados anteriores.

2.2 As técnicas de construção dos dados

Demos início às nossas investigações nos meses de maio e junho do ano de 2012, através de entrevistas informais com algumas crianças e de atividades propostas em sala de aula. Também utilizamos uma observação nas salas escolhidas apenas com o intuito de nos

aproximarmos das crianças, para que estas se sentissem bem com a nossa presença e, dessa forma, à vontade para conversar e participar ativamente de tudo que iríamos propor.

Antes de adentrarmos na sala de aula das crianças, conversamos com a coordenadora pedagógica da escola e explicamos do que se tratava a nossa pesquisa, quais os nossos objetivos e o que pretendíamos realizar com os alunos. É válido mencionar o grande acolhimento que tivemos por todos que constituem aquele meio educacional, nenhum empecilho foi feito. Ao contrário, tivemos livre acesso para colher todas as informações necessárias para a concretização desta monografia.

Após a aceitação da nossa visita pela coordenadora pedagógica, observamos todos os compartimentos da escola e tivemos uma conversa com os professores de cada turma com as quais iríamos trabalhar. Foi uma conversa rápida, parecida com a que fizemos com a coordenadora, apenas explicando o que pretendíamos fazer neste trabalho e quais objetivos precisaríamos alcançar. Todos os professores nos receberam muito bem, e nos deram muitas dicas e apoio incondicionais.

Com isso, após todo este processo, criamos um cronograma, selecionando os dias em que ficaríamos em cada turma para realizar os primeiros contatos (que seriam as observações). Em seguida, faríamos as entrevistas informais e as atividades propostas em sala. Todos seriam realizados no período da manhã, com exceção do 5º ano que era uma turma do período da tarde.

Segue abaixo o cronograma com as datas de 2012 em que visitamos a escola e realizamos os trabalhos com as turmas:

1º ANO: 16/05; 17/05; 18/05 e 21/05

2º ANO: 25/05; 29/05; 30/05 e 08/06

3º ANO: 11/06; 19/06; 21/06 e 22/06

4º ANO: 25/06; 26/06; 27/06 e 28/06

5º ANO: 01/06; 27/06; 28/06 e 29/06 – No período da tarde.

Para a realização da primeira técnica utilizada para a coleta de dados, os desenhos, utilizamos folhas de papel ofício, lápis de cor, giz de cera, lápis comum e canetinhas. Essa técnica foi realizada com as crianças do 1º, 2º e 3º ano, visto que consideramos crianças pequenas que conseguem se expressar muito bem através de desenhos, uma vez que estes,

muitas vezes, fazem parte de seu cotidiano. No total, participaram 48 crianças, totalizando um número de 48 desenhos.

Para esta técnica, distribuimos uma folha de ofício e lápis de cor, giz de cera e canetinhas para cada criança e pedimos a elas que desenhassem uma escola. A reação das crianças foi de entusiasmo, elas ficaram felizes com a atividade diferenciada em sala, uma vez que estas estavam rotinadas a sempre reproduzirem o que a professora escrevia no quadro branco.

Nosso objetivo era compreender e identificar as impressões que estas tinham da escola da qual faziam parte. Essa compreensão se daria tanto pelo desenho quanto, principalmente, pelas explicações atribuídas por elas ao desenho de sua autoria. Após a concretização dos desenhos, cada criança, individualmente, nos explicaria o que significava a sua obra, algumas o fizeram por escrito e outras seriam de nossa responsabilidade fazer as anotações. Após estas explicações, realizamos uma leitura minuciosa que contribuiu na construção desta monografia.

Ao que se refere às crianças do 4º e 5º ano, que já possuíam um maior domínio sobre a leitura e escrita, sendo muitas vezes, capazes de escrever textos simples, uma outra técnica, para coleta de dados, foi realizada. Pedimos aos mesmos que produzissem um texto em poucas linhas, a partir de uma frase retirada de uma música do grupo infantil dos anos 80, O Balão Mágico. A frase era a seguinte: “A escola é a luz que ilumina o caminho da gente”. Nesse pequeno texto, os alunos deveriam expor suas opiniões sobre a referida frase, dizendo se concordavam ou não com ela e justificando suas respostas.

A frase foi escrita no quadro branco e cada aluno recebeu uma folha de ofício para a concretização da sua produção. A realização da atividade aconteceu em horários diferentes para cada turma, como exposto no cronograma anterior. Toda a atividade objetivava compreender o sentido que os alunos atribuem a escola e ao saber formal da qual ela é uma agência fomentadora. Ao todo, participaram da produção 38 crianças. Todos os partícipes estavam livres para exporem suas ideias e opiniões, a maioria escreveu com vontade, com entusiasmo, no entanto, algumas crianças estavam com preguiça de escrever, com isso, realizaram a atividade, porém sem gosto pelo o que estava fazendo.

No que concerne à entrevista, esta foi realizada de maneira informal e com um número reduzido de alunos: apenas 02 de cada turma selecionada, totalizando 10 entrevistados. Alguns alunos selecionados também participaram dos desenhos ou produções textuais, com isso tais resultados foram os mesmos. A entrevista foi realizada em outras dependências da escola, diferente da sala de aula, para não atrapalhar o andamento das aulas. Durante a entrevista, conversamos sobre a escola na qual as crianças estavam inseridas, se gostavam ou não de frequentá-la, o que as motivava a ir para escola e permanecer nela, dentre outros questionamentos que serão explicitados posteriormente.

Através da entrevista, buscamos também fazer um levantamento sobre a realidade das crianças, focalizando: onde moram e como são suas famílias, o que contribuiria, posteriormente, para o estudo da relação que estas possuem com a escola, visto que, segundo Charlot (2000), a relação com o saber e com a escola está diretamente relacionado com a história de vida dos sujeitos. Assim sendo, perguntas como, você mora em que bairro? Como é o seu bairro, você gosta dele? Por que você vem à escola? Você gosta de estudar? Dentre outros questionamentos que nos conduziram no percorrer deste procedimento, algumas perguntas foram modificadas, dependendo do rumo da conversa e do nível de compreensão das crianças. Todas as perguntas estarão apresentadas nos apêndices deste trabalho.

No decorrer das entrevistas, procuramos deixar as crianças bem à vontade, pois sabemos que a pressão não contribui para um resultado satisfatório, uma vez que elas podem ficar nervosas e amedrontadas. Assim, toda a conversa foi realizada de forma simples e descontraída. Esse cuidado foi necessário para que pudéssemos colher todas as informações necessárias para a construção desta pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas através do gravador de celular, as crianças acharam tudo muito divertido, algumas pensavam que nós éramos repórteres. Ao final de cada entrevista, transcrevemos para o computador.

2.3 Tratamento e análise dos dados

O primeiro momento para coleta dos dados, como já dissemos, se deu através de observações das crianças na sala de aula. De posse dessas observações, registradas em um caderno, o nosso intuito era o de nos aproximarmos dos sujeitos envolvidos, por isso, não utilizamos esses registros para a análise de dados. Estar presente em alguns momentos de seu cotidiano na escola foi importante tão somente para nos familiarizarmos com as crianças e para o sucesso nas entrevistas, nos desenhos e nas produções textuais. Em todos os

procedimentos de coleta de dados, utilizamos nomes fictícios a fim de preservar a identidade das crianças analisadas.

As atividades de desenho, realizadas com as crianças do 1º, 2º e 3º ano, foram feitas em cada turma em dias distintos, no período da aula. Após a produção e explicação dos desenhos, realizamos, em casa, a descrição minuciosa de tudo o que nos estava posto pelas explicações dadas. Para cada desenho havia uma identificação das crianças, mas para não expor suas identidades, utilizamos nomes fictícios para cada educando, a fim de preservá-los.

Separamos os desenhos considerados mais importantes e cabíveis aos objetivos da nossa pesquisa usando como critério o fato de que alguns não passavam de rabiscos, dessa forma, ficava impossível identificar a relação das crianças, em análise, com a escola.

A atividade de produção textual, realizada com os alunos do 4º e 5º ano, também aconteceu em horários distintos no período da aula do professor titular. Em casa, lemos todas as produções com bastante atenção, destacando os pontos principais, relativos às nossas questões de pesquisa, as falas mais marcantes quanto às suas motivações acerca da escola e suas atividades, buscando compreender, com clareza, o sentido da escola para aquelas crianças. Organizamos essas produções por turmas. Essa organização nos ajudou na hora da análise porque, assim, não misturamos desenhos de produções textuais.

Nas entrevistas, com dissemos, selecionamos de forma aleatória duas crianças de cada turma. Essa seleção não teve nenhum critério específico ou especial, os alunos que víamos estar disponíveis, convidávamos para uma conversa informal, a qual chamávamos de um “papo descolado”, eles gostaram da expressão, principalmente os alunos do 5º ano. Após realizarmos todas as entrevistas, que levou três dias para sua concretização, arquivamos todas em um computador e em seguida digitamos e separamos por turmas.

Nas entrevistas, buscamos observar, assim como nas explicações dos desenhos e nas produções textuais das crianças, trechos em que elas falavam sobre a escola, sua importância, dentre outros aspectos. Ao lermos, várias vezes, a transcrição dessas entrevistas, nosso olhar estava atento aos móveis e sentidos atribuídos pelas crianças à escola.

A sequência dos objetivos foi, assim, o que guiou toda a análise, durante a qual buscamos discutir, inicialmente, os móveis que sustentam e impulsionam a frequência das crianças na escola. Em seguida, buscamos analisar os sentidos que elas atribuem ao saber

escolar nas séries iniciais do ensino fundamental. Dessa forma, organizamos uma tabela com todos os envolvidos na pesquisa e as considerações que chegamos ao final da análise de cada técnica mencionada até aqui. Tabela esta, apresentada mais adiante, nos apêndices da monografia.

Capítulo 03

ANÁLISE DOS DADOS

A RELAÇÃO DOS ALUNOS COM A ESCOLA E COM O SABER

Neste capítulo, apresentaremos os principais achados da pesquisa. Veremos que os dados fornecidos pelos sujeitos foram extremamente importantes e essenciais para a realização da nossa pesquisa, uma vez que com eles pudemos identificar e discutir os móveis que sustentam e impulsionam a frequência das crianças na escola, bem como analisar e compreender os sentidos que elas atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

3.1 – A MOBILIZAÇÃO DAS CRIANÇAS FRENTE À ESCOLA E AO SABER ESCOLAR

Na presente pesquisa, buscamos identificar, compreender e analisar os motivos que mobilizam os alunos a frequentarem a escola. Referimo-nos, juntamente com Charlot, ao termo mobilização, uma vez que “a idéia de mobilização remete a uma dinâmica interna, à idéia de motor (portanto, de desejo): é o aluno que se mobiliza” (CHARLOT, 2005 p. 54). Ou seja, através da vontade e desejo em aprender e realizar determinada atividade, o aluno passa a se engajar e se interessar, porque “a situação de aprendizagem” possui sentido para ele. Com base nesses postulados, identificamos nos desenhos feitos pelas crianças e em suas explicações sobre eles, bem como nas entrevistas realizadas e nas produções textuais feitas, quatro importantes elementos de mobilização, ou seja, quatro fatores que mobilizaram as crianças partícipes de nossa pesquisa a frequentar a escola e a querer permanecer nela. São eles: 1) a relação com os professores; 2) a relação com os colegas; 3) as brincadeiras na escola; e 4) a promessa de um futuro promissor. Fatores estes, que serão expostos e discutidos a seguir.

3.1.1 A relação com os professores

O papel do professor mudou consideravelmente no decorrer dos anos. Nos dias atuais, é costumeiro ouvirmos a expressão “professor mediador”, ou seja, aquele que instiga seus alunos, explorando sua participação nas discussões e os auxiliam, conduzindo-os a construir suas próprias estratégias de aprendizagem. Com isso, podemos observar que o

papel e a atuação do professor não mais se referem à mera transmissão de conhecimentos e informações. Nesse sentido, creio, assim como Chalita (2005, p. 3), que

O ato de ensinar requer um grande respeito pelos jovens, pelos seus desejos e pelas suas expectativas. Até porque essas crianças e adolescentes não são nossos filhos, como pontificou o grande poeta Khalil Gibran, mas são “os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma”. Com certeza toda a comunidade está agradecendo aos professores pelo respeito e pela dedicação que os seus filhos recebem e cujos frutos serão colhidos ao longo de toda a vida.

Sem dúvida, as belas palavras do escritor e educador Gabriel Chalita nos mostram como as concepções acerca do papel do professor mudaram, pois ressaltam a importância de cultivarmos a cada dia a relação professor/aluno, visto que desta relação dependem o crescimento e o aprendizado de ambos. Assim, o papel atuante deste profissional tem muito a contribuir para que crianças e jovens, a cada dia, aprendam a ser, fazer e conviver em sociedade.

Há tempos atrás, essa relação era muito diferente. O professor não era visto por seus alunos como mediadores, aqueles que os auxiliam na construção de suas próprias estratégias de aprendizagens. Ao contrário, eles eram tidos como os detentores de todo o saber, desse modo, as relações existentes entre professor e aluno eram relações difíceis, isentas de respeito, atenção, cumplicidade e tolerância. Por isso, torna-se importante discutir as mudanças ocorrentes nessa relação, a fim de manifestar os pontos positivos que ela acarreta, visto que o professor, quando comprometido com o seu papel, pode contribuir para os aprendizados significativos das crianças e para a sua permanência no meio educacional.

Através das explicações das crianças acerca dos desenhos feitos e dos relatos que fizeram por meio das entrevistadas e produções textuais na presente pesquisa, podemos identificar a importância atribuída por elas ao papel do professor na escola. Assim, os docentes, para essas crianças, são um dos principais responsáveis para que estas se mobilizem a ir à escola. Vejamos, pois, o que diz uma das crianças entrevistadas: *“Eu gosto muito da escola porque o meu professor é muito legal, às vezes eu gosto muito dele porque ele é muito divertido e o ensino é muito bom”*.

Podemos observar, através da fala dessa criança, a importância atribuída, por ela, ao professor como sendo o responsável pelo gosto que ela possui em frequentar a escola, uma vez que ele, em suas aulas, busca ser divertido, criativo e legal.

Quando observamos o desenho feito por ela acerca da escola, esta criança escreveu dentro de três corações as seguintes palavras: Escola; Eduardo (nome do professor) e Futuro.

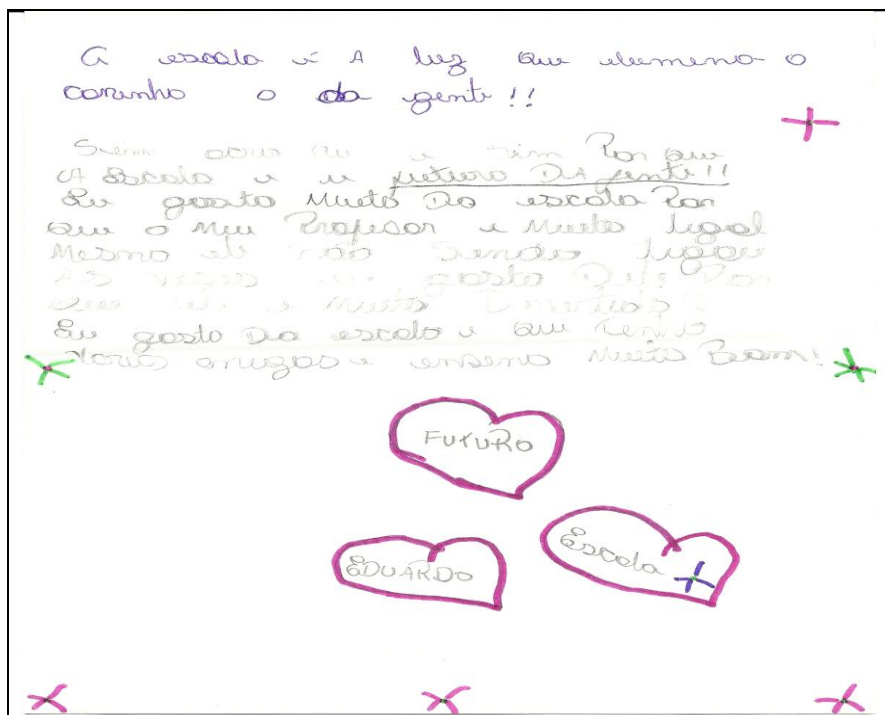


Figura 01

Com base nesse aspecto do desenho acima, como podemos interpretar a relação dessa criança com a escola?

Em primeiro lugar, o fato de ela ter escrito a palavra “escola” no centro do desenho de um coração pode nos dizer que a criança ama a sua escola, afinal, o coração representa o amor, acima de tudo, como também o gostar, o desejo de querer bem e estar próximo. Assim, podemos inferir que há um sentimento bonito desta criança com a sua escola.

Do mesmo modo, ao escrever o nome de seu professor, podemos inferir que a criança se identifica com ele, gosta do seu docente. Isso se justifica porque, ao analisarmos sua fala acima, Helena afirma que gosta da escola porque o professor é legal, mostrando claramente que seu desejo em estar na escola passa pelo prazer de estar e de se relacionar com um outro (CHARLOT, 2000; 2005) que, no caso, é o professor. Como podemos perceber, a presença do professor é importante, bem como o seu papel em sala de aula, principalmente quando este busca meios amigáveis de interação e contatos sinceros com seus alunos.

Sobre o termo “Futuro”, é possível deduzir que a criança esteja sinalizando para o fato de que estar na escola e permanecer nela é a garantia de um futuro melhor, mais digno. Isso se faz relevante na medida em que, para elas, estudar representa o resultado futuro de uma vida melhor que a de seus pais, por exemplo.

Na mesma direção, caminha a fala abaixo:

Eu amo a escola, ela ensina a gente a viver direito. Com ela a gente aprende tudo. No primeiro dia que eu fui para a escola eu achei que era ruim, mas eu me acostumei, por isso estou aqui. Com muita coisa pela frente, em tudo o que eu passei, os professores foram ótimos, principalmente meu professor, ele é um ótimo professor, ele ensina muito bem, tomara que eu passe de ano.

Através do relato da segunda criança em discussão, podemos detectar que o professor possui um papel fundamental na construção da sua aprendizagem, pois graças aos professores foi que esta criança conseguiu enfrentar todos os desafios que um ambiente novo, a escola, proporciona.

Também é válido mencionar que a discente atribui à escola os conhecimentos adquiridos, dentre eles, ter boas maneiras e trilhar no caminho certo. Desse ponto de vista, a escola e seus professores é que parecem possuir esse papel de transformá-la em uma pessoa melhor. Esse aspecto tem a ver com a cultura de que só a escola é responsável pela educação e futuro melhor, não competindo à família essa responsabilidade.

Essas mesmas expectativas, sempre relacionadas ao futuro, também aparecem na fala de outra criança entrevistada. Para Tainá, (9 anos), o professor se enquadra na única referência que ela possui para, no futuro, ser alguém bem sucedido. Ela diz: *“Gosto da minha professora, porque ela é o exemplo que eu quero seguir”*.

Como podemos constatar, para essa criança, a escola é um lugar de encontrar pessoas queridas, pessoas com as quais podemos nos identificar. Assim sendo, o professor, por ser uma das figuras mais presentes na escola, torna-se, muitas vezes, uma importante referência acerca da qual as crianças seguem construindo em termos de estudo, da vida profissional bem-sucedida e de exemplo de personalidade a ser seguida. Portanto, esse é um aspecto relevante de ser explorado na medida em que, muitas vezes, o professor não faz ideia de como ele exerce influência sobre a vida e os modos de ser e agir de seus alunos.

Como podemos perceber, a figura do professor é, pois, um elemento de mobilização importante na vida das crianças que participaram de nossa pesquisa. De um lado, devido à relação construída entre eles. Uma relação de companheirismo, cumplicidade e ensinamentos.

Por outro lado, essas ocorrências podem ser entendidas também pelo fato de que onde elas moram as referências a serem seguidas são completamente diferentes. Como vimos na metodologia de nossa pesquisa, essas crianças moram em bairros periféricos e marginalizados de Fortaleza. Assim, um futuro mais digno e promissor, muitas vezes, torna-se algo ilusório, devido às realidades enfrentadas por elas. E nesse sentido, a imagem do professor aparece como um ser bem sucedido, muito diferente de seus familiares.

O professor torna-se um importante elo entre essas crianças e a sua escola, para Charlot o móbil é sempre o desejo que é despertado no sujeito, portanto o professor é esse elemento de mobilização quando desperta nelas o desejo de um futuro melhor através da escola.

3.1.2 A relação com os colegas

A teoria da relação com o saber, proposta por Bernard Charlot (2000), refere-se a todas as relações que o sujeito adquire com o mundo, com as pessoas que ele convive nesse mundo e consigo mesmo, sempre mediadas por desejos e motivações. Quando pensamos nessas relações, em especial a que resume o presente tópico, que diz respeito às relações identitárias e sociais (relação com o outro e consigo mesmo), nos atentamos para as diversas relações com os demais indivíduos, que foram construídas pelas crianças desta pesquisa. E dentre esses indivíduos podemos mencionar os seus colegas de sala de aula e/ou da escola.

Para muitos desses alunos, a escola é um lugar divertido que, além de ensinar a ler e escrever, também ensina a fazer colegas. Como podemos observar no desenho da criança a seguir:



Figura 02

A criança que produziu a figura acima já escreve no próprio desenho a sua relação com a escola. Segundo Waleska, (7 anos), “A escola é um lugar divertido. Na escola eu aprendo a ler, a escrever e fazer colegas”.

Como podemos observar, a crença de que a escola é um lugar chato e insuportável para as crianças, não pode ser generalizada nem tampouco alimentada. Para elas, a escola é tida com um lugar em que elas vão não só para aprender a ler, estudar e contar, por exemplo, mas também para aprender a construir amizades e se relacionar com as pessoas. Isso se deve ao fato de que ela se caracteriza por ser uma instituição que valoriza a interatividade, o diálogo e o convívio com os demais. Trilhando nessa perspectiva, as inúmeras amizades que são construídas pelas crianças no ambiente educacional podem ser explicadas como um novo ponto que contribui para que muitas destas se mobilizem ir à escola e querer frequentá-la todos os dias letivos. Através da explicação dada ao seus desenhos, pelas crianças do 1º, 2º e 3º ano, pudemos observar a valoração que elas atribuem aos seus amigos de escola, amigos estes que poderão ser de toda uma vida.

Na produção feita por uma criança especial, que possui uma deficiência intelectual, a presença de seus amigos também é fundamental e muito marcante. Através do seu desenho, mas principalmente da explicação atribuída pelo educando à sua produção, podemos averiguar que a escola, para ele, mesmo com a presença da Tia (a professora), resume-se ao contato com seus amigos.



Figura 03

Essa criança esclarece seu desenho da seguinte maneira: *“Eu desenhei a minha escola, tia, com os meus amigos. Eu gosto muito deles, gosto de brincar com eles de qualquer coisa, correr, de bola”*.

Como podemos observar na figura 03 acima, todas as crianças estão desenhadas dentro dos limites da escola, ou seja, nenhuma criança está fora da escola. Além disso, há três personagens que estão em primeiro plano e muitos outros em segundo plano. Como podemos interpretar isso, a partir da fala de Caio, (7 anos)?

Inferimos que o fato de as crianças estarem todas desenhadas nos limites da escola sugere que esta torna-se um refúgio para elas, um lugar de proteção, do qual as crianças encontram-se ilesas de qualquer perigo imposto no “mundo lá fora”. Pelo que vimos, na metodologia, sobre as condições de violência no bairro em que essas crianças moram, é possível imaginar que essas considerações são verídicas. Por isso, em seu desenho, Caio optou por incluir todas as crianças no espaço educacional, pois somente nesse espaço, podemos, segundo ele, aprender sem medo e preocupações.

No que concerne ao primeiro plano, que corresponde ao desenho de três crianças, podemos deduzir que Caio esteja representando sua professora, ele e seu irmão que o acompanha todos os dias. No que concerne às crianças desenhadas no segundo plano, é possível que elas sejam seus colegas de sala, uma vez que o Caio se identifica muito com seus amigos de sala e gosta de estar perto para brincar. Desse modo, a escola também é um lugar de encontrar pessoas queridas, dentre essas pessoas podemos mencionar os colegas de sala de aula.

Na produção da aluna Beatriz, (7 anos), a seguir, ela explica seu desenho da seguinte forma: *“O que eu mais gosto na minha escola é dos meus colegas, é divertido estudar com eles”*. Vejamos, pois, o desenho sobre o qual essa afirmação se refere:

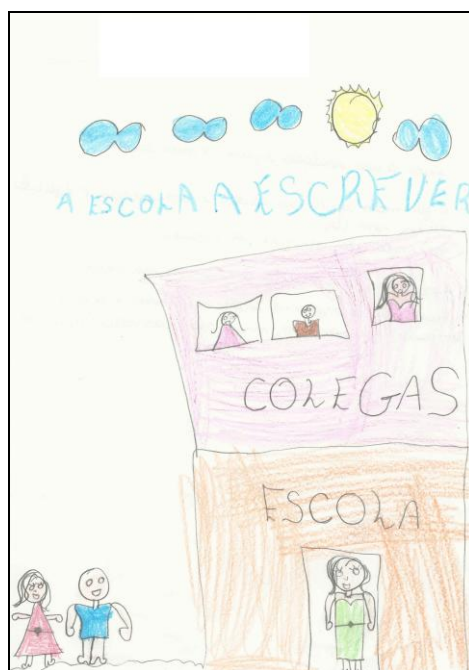


Figura 04

Como já afirmamos anteriormente, é importante ressaltar que as análises dos desenhos foram realizadas e desenvolvidas através das explicações dadas por seus produtores, no caso as crianças que participaram da referida pesquisa. Com isso, supomos que, por esses alunos viverem em um bairro perigoso e marginalizado, provavelmente o contato com outras crianças se deem somente na escola, uma vez que andar e brincar na rua seja algo arriscado e ameaçador.

A escola, nessa visão, torna-se um meio acessível para a construção dessas amizades e de prazerosas convivências. Como podemos supor, a partir do desenho de Beatriz, na figura 04 acima, as crianças precisam estar seguras e a escola representa essa segurança. Vejamos

que, no desenho dessa aluna, as crianças ficam no andar de cima da escola, em segurança. É nesse lugar que ficam os seus colegas e é para lá que ela pretende ir para, também, se sentir segura. No mesmo desenho, as outras crianças que vão chegando são recebidas pelo vulto da professora, a qual, certamente, representa alguém que vai zelar por elas na escola.

Com base no que estamos analisando, podemos afirmar que a relação com os colegas da escola é verdadeiramente um elemento mobilizador na medida em que estar com os colegas é divertido e muito prazeroso. Desse modo, é quase lógico que outro elemento mobilizador seja as brincadeiras realizadas pela escola, bem como as brincadeiras diárias que as crianças criam e realizam no dia a dia escolar, móbil este que passaremos a discutir.

3.1.3 As brincadeiras na escola

Através das brincadeiras, as crianças, sem perceber, estão se desenvolvendo. Elas aprendem, exploram o que estiver em sua volta, constroem relações sociais, criam mais autonomia, desenvolvem a autoestima, aprendem a respeitar regras, enfim, por meio da brincadeira uma infinidade de acontecimentos contribui para o crescimento social e intelectual. De acordo com Vygotsky (1998), através do brincar, a criança amplia os conhecimentos sobre si mesma e sobre a realidade ao seu redor. Como diria Charlot (2000), a criança amplia sua relação com o saber na medida em que a brincadeira é elemento de ligação com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

As brincadeiras como elemento de mobilização se fazem mais presentes entre as crianças mais novas. Em relação às crianças participantes deste trabalho, a importância atribuída ao brincar foi marcante em todos os desenhos realizados por elas. Isso nos faz crer que, sem dúvida, as brincadeiras realizadas na escola, bem como os brinquedos que a instituição educacional possui, foram fatores essenciais que contribuíram para a mobilização de muitos estudantes em relação ao ambiente escolar.

Na Educação Infantil, as brincadeiras são fundamentais para promover o desenvolvimento sadio das crianças, elas “tem intrínseca relação com o desenvolvimento infantil, especialmente na idade pré-escolar” (VIGOTSKY, 1998). No entanto, ao chegar ao Ensino Fundamental, as crianças se deparam, muitas vezes, com escolas que utilizam uma pedagogia totalmente ‘anti dinâmica’, ou seja, uma pedagogia na qual o importante é fazer com que as crianças aprendam a ler, escrever, contar e reproduzir. As brincadeiras, nesse sentido, são esquecidas, podendo ser realizadas somente no momento do recreio ou intervalo.

Esse tipo de metodologia, por algumas vezes, foi também observado na escola em que realizamos o presente trabalho. Sem dúvida, para as crianças do primeiro ano, as atividades de escolarização mais fortes fizeram florescer uma vontade demasiada dessas crianças de se divertirem, mesmo sem estar no intervalo. Podemos justificar tal argumentação por meio da fala de uma criança do primeiro ano, ou seja, uma criança que acabou de sair da Educação Infantil e que começa a sentir os efeitos de uma educação mais escolarizada. Ela diz:

Na minha escola, eu gosto de brincar no recreio e fazer tarefa e brincar. Também de fazer a oração. Eu vou à escola, porque eu não quero faltar aula, a escola é muito boa, é boa de merendar, de brincar no recreio e brincar na sala (ô... na sala não, né?). É só brincar nos brinquedos que tem na escola depois de fazer a tarefa e pronto.

Por essa perspectiva, Laís, (6 anos), nos diz que as brincadeiras na escola e os brinquedos que ela possui, também são motivos de mobilização das crianças em relação ao meio escolar, uma vez que, em sua maioria, o único lugar de diversão para elas é na escola.

Podemos perceber que, ao lado de estudar, de assistir as aulas, Laís coloca que a escola é boa para merendar e brincar no recreio. Como sabemos, a vida em zonas periféricas de uma grande cidade, como Fortaleza, por exemplo, é marcada pela violência, em suas várias dimensões, pela falta de oportunidades, pelas drogas, enfim, por inúmeras barbaridades que crianças residentes deste meio estão expostas. Dessa forma, a escola torna-se o lugar de refúgio para esses pequenos, algo distante de suas realidades que se torna possível no momento em que eles frequentam a escola. Assim, as crianças se sentem seguras para brincar, se divertir e explorar o universo colorido que os brinquedos, presentes na escola, acoplados às brincadeiras proporcionam, visto que no lugar onde elas moram os riscos são imensos e as oportunidades precárias.

Este fato é melhor explicitado pela criança responsável pelo desenho a seguir, que diz só jogar bola quando está na escola. Ele raramente brinca com seus amigos na rua ou no quintal que tem na sua casa.

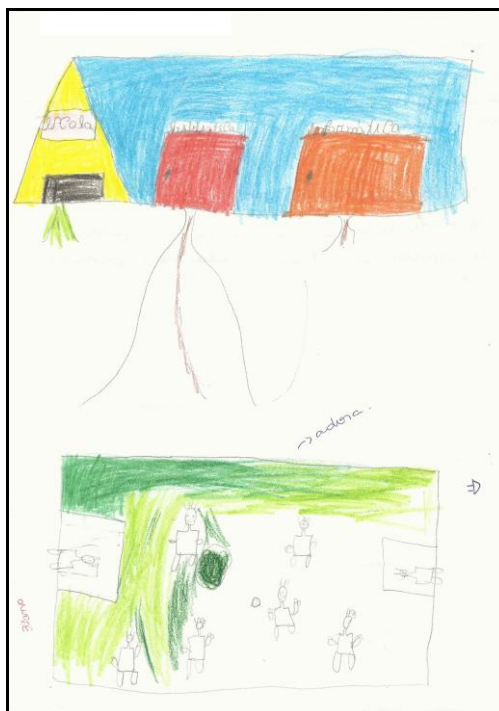


Figura 05

Para essa criança, estar na escola é mais prazeroso quando ela frequenta a quadra de esportes, a biblioteca e a sala de informática, como nos mostra seu desenho e principalmente a explicação atribuída pela criança à sua produção.

Eu só jogo bola quando estou na escola, raramente eu jogo em casa em um quintal que tem lá. Aqui na escola a quadra é enorme, bonita, é mais legal. Eu também gosto muito da sala de computador porque eu não tenho na minha casa e da biblioteca porque ela é bonita e é interessante ler.

Como podemos perceber, o desenho feito por essa criança mostra a escola com seus locais favoritos, entre eles a biblioteca e a sala de informática. No entanto, o que se encontra em destaque na figura 05 é exatamente a quadra de esportes. Ali, podemos perceber a presença das brincadeiras presente no seu cotidiano. Além disso, estar com os colegas nessa aventura é algo gratificante e muito prazeroso, para ele, uma vez que em casa brincar com tamanha liberdade é algo difícil de acontecer.

Esses elementos nos fazem compreender que as brincadeiras devem sempre estar inseridas no cotidiano das escolas, uma vez que elas proporcionam o desenvolvimento das crianças em todas as dimensões. Ademais, as crianças desta pesquisa estão apresentando a brincadeira como um elemento de mobilização em relação à escola, pois em seu bairro, devido à violência instaurada, essa liberdade e diversão é algo precário de acontecer. Desse modo, brincar na escola faz parte da vida da criança, assim como faz parte estudar e aprender.

Um brinquedo muito utilizado pelas crianças da referida escola, e que se fez presente na maioria dos desenhos realizados por elas, é o roda-roda, nome este intitulado pelos próprios alunos. Abaixo, segue alguns desenhos em que podemos visualizar o tão popular roda-roda.



Figura 06



Figura 07

Para entendermos a importância do roda-roda junto às crianças, vamos falar um pouco sobre ele e como funciona.

O roda-roda é feito a partir de uma espécie de armação de ferro, do mesmo material que é produzido os escorregadores presentes na escola. Ele fica localizado no pátio da

Educação Infantil da instituição escolar, o que não impede a presença de alunos de outras turmas. O roda-roda localiza-se junto a outros brinquedos que, apesar de possuírem alguns defeitos, são também aproveitados pelas crianças pequenas. Para brincar com ele, os alunos precisam de força e muita agilidade. Geralmente, cabem no brinquedo roda-roda cerca de cinco crianças que necessitam estar sentadas e concentradas para gira-lo sempre no mesmo sentido a fim de que a diversão aconteça. Com isso, ter o único brinquedo que funciona 100% na escola e que proporciona muita adrenalina e diversão explica e justifica, de maneira eficaz, sua aparição nos desenhos das crianças.

Devido a essa configuração, inferimos que o roda-roda promove uma interação maior entre as crianças, o que, como já vimos acima, é um grande elemento de mobilização em relação à escola. Além disso, por ser este o único brinquedo que funciona 100% no pátio da escola, acreditamos que justifica a importância atribuída pelas crianças a ele, uma vez que nas várias produções que tivemos acesso ele estava presente. Também não podemos deixar de mencionar que o roda-roda é um brinquedo repleto de adrenalina, no qual as crianças se divertem muito.

Com efeito, essas crianças estão nos apontando, de forma clara, que a escola deve ser aquilo que sua etimologia grega apregoa: um lugar de grande alegria e prazer. Isso significa que, além de encontrar prazer nas leituras promovidas pelo ambiente da biblioteca ou pelas pesquisas e aprendizagens outras construídas a partir do laboratório de informática, a escola é um ambiente divertido, acolhedor e repleto de diversão.

3.1.4 A promessa de um futuro promissor

Através da identificação e análise dos fatores que mobilizam as crianças a frequentarem a escola e querer permanecer nela, também destacamos a promessa de um futuro promissor, ou seja, o fato de ir à escola e gostar de estar nela representa a fuga de uma realidade miserável e o ingresso futuro em uma vida mais digna e promissora, para essas crianças. Sobre isso, Charlot comenta que

há alunos que estudam não para aprender, mas para passar para a série seguinte, em seguida, novamente para a série seguinte; para ter um diploma, um bom emprego, uma vida *normal* ou mesmo um belo caminho. Estudar para passar, e não para aprender, é o processo dominante na maioria dos alunos do meio popular. (CHARLOT, 2005, p. 51-52).

Como nos esclarece Charlot, este é um movimento dominante de crianças que estão inseridas em meios sociais mais desfavorecidos, o movimento de somente passar para a série seguinte, sem que haja grandes ou significativos aprendizados, para futuramente garantir um bom emprego, uma boa casa e possuir uma família.

Essa realidade é, infelizmente, muito marcante nesse meio social, e que pode também ser identificada nas falas das crianças a seguir. Para Irlana, (9 anos), *“A gente precisa da escola, porque se a gente não estudar a gente não vai trabalhar para ganhar dinheiro.”* Já Paloma, (10 anos), diz que *“A escola é o nosso futuro, sem a escola a gente não é nada. A gente tem que se formar, e se formar em uma profissão tipo médico, advogado, enfermeira, dentista, professora”*.

Ainda ao que concerne às falas das crianças entrevistadas, Laura, (9 anos), diz que *“A escola ajuda a fazer uma faculdade e um trabalho”*. E Lourdes de também 9 anos, afirma que *“A escola ensina a ser alguém no futuro. Imagine quantas oportunidades que você pode ter?”*. Já Margarida, (10 anos), nos diz que *“A escola ajuda a arranjar bons trabalhos, lá a gente aprende coisas legais”*.

Como podemos observar, a escola, para essas crianças, possui um papel grandiosamente importante para que o sucesso no futuro aconteça. Este sucesso está relacionado a conquistas promissoras como, citadas anteriormente, ter um emprego, uma família, um nível superior, uma casa formidável, dentre outras conquistas que só o ambiente educacional pode proporcionar, segundo elas.

Este é um pensamento bastante frequente em crianças residentes de bairros mais populares, onde a falta de oportunidades é gigantesca e famílias desse meio social dão muita importância à escola, *“porque sabem que não há outro jeito para os filhos saírem das dificuldades da vida”* (CHARLOT, 2005. p. 67). Essas famílias, às quais o autor se refere, são famílias francesas, mas essa realidade pode ser atribuída às famílias brasileiras, em especial, às residentes da capital cearense, como as famílias das crianças em análise.

Nas palavras de Pedro, (7 anos), por exemplo, uma criança de sete anos, essa afirmação pode ser constatada. Ele diz:

Eu acho importante está na escola, porque eu gosto muito da minha mãe, da minha professora, da minha sala, da minha cadeira para ler e estudar. A minha mãe gosta que eu fique na escola, porque ela diz que é para estudar o dia todo para ficar feliz,

para quando crescer eu virar o menino mais inteligente e trabalhar. A escola é boa, ajudante.

Infelizmente, essa ideia de futuro é passada para as crianças, por pais e professores, como se elas não fossem nada nem ninguém no presente. Vejamos que nas próprias palavras de Pedro, ele diz que vai “virar” um menino inteligente e trabalhar. Isto é, para ele é informado que ele ainda não é nem inteligente nem trabalhador, se pensarmos que o trabalho das crianças é estudar.

Apesar de ressaltarmos o lado positivo de este fato ser, de certa forma, um elemento mobilizador, mas as crianças deveriam ser estimuladas a acreditar nelas mesmas agora. Ou seja, acreditar no que o saber e a escola podem lhes oferecer agora. O futuro é apenas uma consequência do que construímos no presente.

Contudo, segundo Charlot (2005), o sentido da escola para grande parte dos alunos de bairros populares é o fato de ela proporcionar um bom emprego mais tarde. Com isso, afirmamos que a mobilização para frequentar a escola e, através dela, tentar aprender algo que lhe traga significado é fundamental para que aquelas conquistas, citadas anteriormente, sejam, de fato, promissoras. De todo modo, o fato é que as crianças ainda gostam de ir à escola, pois, como vimos, seja por causa dos professores, dos colegas, das brincadeiras ou de uma promessa de futuro melhor, esses desenhos e declarações das crianças apontam para a eficácia de tal argumentação.

Esses elementos de mobilização, portanto, sinalizam para os significados mais evidentes que a escola e o saber têm para essas crianças, conforme passaremos a analisar no próximo tópico.

3.2 OS SENTIDOS DE IR À ESCOLA

Como citado no início deste capítulo, esta pesquisa buscou identificar, compreender e analisar os móveis que sustentam e impulsionam a frequência das crianças na escola. No entanto, também buscamos compreender os sentidos que elas atribuem ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Ou seja, qual o sentido e significado que elas atribuem a escola como saber formal e, para esse grupo, qual a “serventia” da escola.

Trilhando nessa perspectiva, identificamos quatro resultados que respondem a esse questionamento. Para as crianças envolvidas na pesquisa, a escola é um lugar de fazer amigos;

A escola é lugar de diversão; A escola é lugar de formar cidadãos e profissionais; A escola é lugar de aprender. Resultados estes, que serão explanados a seguir. A partir de agora, ilustraremos a discussão com as falas das crianças obtidas, mais especificamente, por meio das entrevistas e produções textuais.

3.2.1 A escola é lugar de educação e de se fazer amigos

Há muito tempo a escola deixou de ser um ambiente educacional que servia apenas para estudar, adquirir conhecimentos e reproduzi-los. A escola, hoje, também é vista como um lugar no qual construímos amizades, laços sinceros com nossos colegas e futuros amigos. A escola é um lugar propício a construirmos relações, dentre essas relações podemos destacar as relações sociais, com os outros, das quais os nossos amigos do meio escolar estão inclusos.

Para 23% das crianças envolvidas na referida pesquisa, a escola é um lugar de fazer amigos e serve para encontrar pessoas queridas, uma vez que muitas dessas crianças, devido à violência existente no seu bairro, são barradas a frequentarem a rua e conhecer pessoas diferentes. Com isso, a escola torna-se o lugar mais adequado para criar amizades. Esse comentário pode ser averiguado nas palavras da criança a seguir:

Na escola, eu aprendo mais coisas do que na rua, na rua não tem muito pra ensinar, ensina da pior maneira. A escola ensina da maneira mais fácil, aqui (tia) a gente aprende a estudar, ser obediente para quando chegar em casa não responder as mães e os pais e também ensina a fazer amigos, todo mundo que estuda aqui eu conheço e gosto muito.

Como podemos perceber, a escola é para eles o ambiente oposto ao da rua, ainda que seja afirmado que na rua também se aprende, ainda que da pior maneira.

Nas palavras de José Luís, (10 anos), o ambiente escolar ensina da maneira mais fácil, ensina a ser obediente, a fazer amigos. Esses valores fazem parte de uma tradição educacional, mas que aponta para a escola responsabilidades que deveriam ser da família. Quando ele nos diz que a escola ensina a ser obediente para quando chegar em casa não responder as mães e os pais, isso reflete que a família hoje atribui à escola o papel de educadora, a única responsável pela construção de boas maneiras, a única que possui o papel de instruir e fazer trilhar o caminho certo, o caminho do bem.

Contudo, o forte da escola, para as crianças entrevistadas, é o fato de eles gostarem dos amigos que fazem na escola. Muitas das crianças, ao serem perguntadas sobre a

importância atribuída, por elas, à escola, responderam que a escola é um ambiente legal, prazeroso, harmonioso, no qual fazemos amigos, muitos amigos. Com isso, afirmamos que, sem dúvida, a escola é um lugar que possibilita grandes relacionamentos, que favorece o respeito e a confiança. Essa ideia, porém, não é tão recente, pois, já dizia Paulo Freire em seu texto “A escola”, que “a escola é um lugar onde se faz amigos, e ela será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo e irmão... numa escola assim, vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos e ser feliz”².

Fazendo uma ponte com esse pensamento de Freire, o segundo sentido mais evidente que pudemos identificar na fala, nas produções textuais e nos desenhos das crianças é o de que a escola é um lugar de diversão, consoante passaremos a tratar na sequência.

3.2.2 A escola é também lugar de diversão

Iniciamos este tópico com a seguinte frase de um aluno que participou da presente pesquisa. Assim como muitos outros, aos quais fizemos referência acima, ele diz: “*Eu gosto da escola porque ela nos ensina e **nos deixa brincar***”. (Rafael, 10 anos).

A expressão que colocamos em negrito ilustra bem a realidade na qual as crianças estão inseridas, sendo a escola um lugar de refúgio do meio social violento e assustador em que elas se encontram. Na escola, as crianças possuem liberdade de serem e agirem como são, sem medo das ameaças do “mundo lá fora”. É um lugar de abrigo, que as protege de tantas incertezas e conflitos. O universo colorido que a escola proporciona, com brinquedos, quadras de esporte, recreação, dentre outras diversões, faz com que as crianças gostem de estar na escola, uma vez que, além da diversão que este meio educacional proporciona, elas se sentem seguras para brincar e se desenvolver.

Vale ressaltar que a criança citada não afirma que a escola permite somente a brincadeira, ela afirma que a escola também deixa brincar. O que aparece em primeiro lugar diz respeito à função primordial da escola que é ensinar. Assim, as crianças nos mostram que têm consciência de que vamos à escola para estudar e aprender, no entanto, esses deveres não impedem de, também, brincarmos e nos divertirmos.

² Frase do texto “A escola”, retirada do site: www.umdoistres.com.br

Mas, o que as crianças afirmam aprender na escola? Entre as aprendizagens mais citadas, vimos os valores morais e de comportamento, o que nos sugere que a essas crianças são dadas constantemente lições de moral, focalizando os bons hábitos. Ainda que consideremos isso importante, é preocupante que pouco apareça aprendizagens como atualidades, escrita e leitura, sobre a nossa história, dentre outros assuntos. Afinal, para quem tem tão poucas oportunidades na vida, como essas crianças, quando a escola se torna apenas um lugar atraente, mais especificamente por ser um lugar onde se brinca e se diverte com os amigos, preocupa-nos o fato de que o saber acumulado pela ciência, tão valorizado socialmente e que poderia oferecer-lhes outras oportunidades, parece ficar em segundo plano.

3.2.3 A escola é lugar de formar cidadãos e profissionais

Dentre os papéis cabíveis à escola, podemos afirmar que ela promove a formação para a cidadania. Ou seja, na escola devemos formar pessoas capazes, que encarem a realidade e busquem sempre transformá-la, sujeitos conscientes de suas opções e projetos. A escola não deve ser considerada um espaço apenas de apropriação do conhecimento, mas “um espaço que favoreça o diálogo entre os diferentes saberes, a interação, as diversas formas de expressão, a dinamicidade e flexibilidade... valorizando a cidadania como uma prática social cotidiana” (CANDAUI, 2000, p. 14 - 15). Esse foi, portanto, um dos sentidos atribuídos pelas crianças da pesquisa ao fato de ter que ir à escola.

Nesta direção, segundo o que pudemos compreender junto às crianças pesquisadas, frequentar a escola tem sua importância no fato de que ela forma bons cidadãos e futuros profissionais. Assim, a escola, para Raimundo, (10 anos), por exemplo, é o lugar mais importante para os alunos, pois ela proporciona coisas boas na vida, que seriam: um bom emprego, uma boa casa, uma boa família. Ou seja, através da escola conseguimos ser bem-sucedidos na vida. Ele diz, *“A escola é um lugar muito importante para a gente. A escola dá muitas coisas na vida. Dá um bom emprego, dá uma boa família, dá uma boa casa”*.

Nessa mesma direção, a aluna Sheila, (10 anos), afirma que: *“A gente está cansado de saber que a escola é que vai transformar a gente em cidadãos trabalhadores, e deve ser uma emoção muito grande a gente depois de adulto ver crianças estudando”*.

As falas dessas duas crianças traduzem, pois, uma representação da escola como um lugar que proporciona uma vida mais digna. Ser um bom cidadão só depende da permanência

na escola, uma vez que esse ambiente educacional é o único que detém de todo o saber e educação, para essas crianças.

É através do apoio dado pela escola que podemos desenvolver nossa criticidade, tanto em relação ao mundo que nos cerca como a nós mesmos, além de nossa criatividade e nossas potencialidades. Tudo isso, segundo Charlot (2000), independe da posição social na qual estamos inseridos, uma vez que ela não determina o sucesso na vida. Por isso, o fato de essas crianças conviverem com a violência batendo à sua porta não impede que elas sonhem em ter um futuro mais digno, promissor e diferente do de seus pais, por exemplo.

Esse sucesso diz respeito, diretamente, ao futuro dessas crianças, que acreditam que a escola é a única saída para um destino promissor repleto de oportunidades. Por esse motivo, se esforçam para frequentá-la e tentar aprender algo. Assim sendo, a escola não deve agir pensando apenas em integrar os estudantes no mercado de trabalho, mas, principalmente, deve formar cidadãos críticos e pensantes. Por conseguinte, teremos também trabalhadores cidadãos, que interferem na realidade em que vivem com o intuito de transformá-la.

3.2.4 A escola é lugar de aprender

Grandes problemas atravessam os sistemas escolares, no mundo atual, e esses problemas estão relacionados ao analfabetismo, evasão escolar, altos índices de repetências, etc. Apesar dos frequentes avanços tecnológicos, o sistema de ensino encontra-se fragmentado, uma vez que pessoas residentes em meios populares possuem acesso à informação e a “aparatos intelectuais”, como livros, jornais, quase sempre somente na escola. Dessa forma, a escola torna-se, para indivíduos de classes desfavorecidas, o único meio que propicia o acesso e expansão de novos conhecimentos e saberes.

Com isso, pensando nas crianças da presente pesquisa, a escola, para elas, é tida como um lugar no qual as pessoas vão para aprender, uma vez que o acesso a esse conjunto de saberes e conhecimentos, muitas vezes, não costuma estar disponível em outros locais. E esse aprender refere-se a ler, a escrever, a ter bons modos, a respeitar os demais, dentre outras aprendizagens. Para Álvaro (9 anos), por exemplo,

É bom estar na escola porque é melhor do que está roubando bolsas e estar aí preso. A escola é que ensina, não o mundo. Na escola, a gente se educa, estuda e aprende, fique na escola!

O apelo da criança, ao final de sua frase, nos mostra como é importante frequentar e permanecer na escola, pois, na realidade desses sujeitos, ela é a única garantia de aprendizagens e auxílio para aqueles que a frequentam. Em outros termos, na visão das crianças, a escola ajuda a sempre encontrar o caminho do bem e a ter bons modos.

Igualmente para Erivelton (9 anos), a escola nos ensina a respeitar os demais e a viver em harmonia com os outros. Ele diz: *“A escola nos ensina a respeitar as pessoas e a conviver bem com as pessoas”*. Após a afirmação dessa criança, perguntamos se só na escola aprendíamos esses ensinamentos, e ele respondeu sem pensar: *“sim, somente na escola”*. Podemos, pois, constatar nessa conversa, que a escola é vista como a única propiciadora do saber e, por isso, eles dão tanta importância para o fato de frequentá-la.

Com efeito, para a maioria das crianças que participaram da pesquisa, a escola serve para ensinar a ler, escrever, contar, respeitar o próximo, etc. Segundo Iago (9 anos), uma das crianças entrevistadas, *“Se não fosse à escola e os estudos, todos nós seríamos analfabetos”*. O mesmo propósito para a escola é atribuído por Aparecida (10 anos), a qual afirma que, *“A escola ensina a gente a ser educada, sem ela a gente não saberia ler e escrever, ela ensina a gente a não entrar no caminho das drogas. E ensina a sempre fazer a coisa certa”*.

Como podemos observar, a escola possui um papel decisivo na vida dessas crianças. Por esta razão, faz-se importante atentarmos ao fato de que, mesmo com os avanços tecnológicos presentes no mundo contemporâneo, a escola ainda é, em nossa sociedade, a agência de ação educativa que possui uma função básica e bastante peculiar: “a de proporcionar formação geral básica, como ler, escrever, contar, além de formação científica e ética” (LIBÂNEO, 2001. p. 40). Porém, ela não é a única detentora do saber nem a única capaz de nos refugiar do caminho do crime e da violência, uma vez que saber e conhecimento podem ser adquiridos em outros lugares, como clubes, praças, por exemplo. No entanto, para essas crianças, a escola torna-se o único meio acessível para a construção e concretização de suas esperanças em um mundo melhor e um futuro mais digno.

Considerações Finais

AMARRANDO AS PONTAS

Neste capítulo da Monografia, buscaremos levantar os pontos mais importantes que foram abordados e discutidos durante a apresentação dos dados e exporemos algumas sugestões de continuidade da pesquisa. Esta continuidade se justifica porque em um espaço reduzido de tempo, como foi o período de realização da presente pesquisa, não é admissível observar e analisar mais do que um pequeno recorte das questões que elegemos como objeto de estudo.

PONTOS ESSENCIAIS DO TRABALHO

No presente trabalho, procuramos compreender como se caracteriza a relação de um grupo de crianças de uma zona periférica de Fortaleza com a escola, o que as fazem permanecer na escola e quais os significados atribuídos por elas ao saber escolar nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Em busca de alcançarmos tal objetivo, nos baseamos na teoria da Relação com o saber, proposta e desenvolvida por Bernard Charlot, que diz respeito a todas as relações epistêmicas, sociais e identitárias que o sujeito possui com o mundo, com os outros e consigo mesmo, respectivamente.

A metodologia adotada neste trabalho de pesquisa se constituiu em três procedimentos básicos: uma atividade envolvendo desenhos, uma atividade envolvendo uma produção textual e uma entrevista informal. Tais procedimentos, em sua totalidade, alcançaram 90 crianças de uma escola pública da periferia de Fortaleza - CE. A pesquisa enveredou sobretudo pelo paradigma das pesquisas qualitativas, uma vez que buscou compreender os significados da escola e do aprender na escola para essas crianças.

Por fim, após a realização dos referidos procedimentos e análise dos dados, concluímos que diversos são os fatores que impulsionam as crianças a frequentar a escola e permanecer nela. Fatores estes, que serão explicitados mais adiante.

Em relação ao nosso primeiro objetivo específico, concluímos que diversos são os fatores que mobilizam a ida e frequência dos alunos, em estudo, à escola, como por exemplo, as relações construídas nesse meio educacional com professores e colegas, além das

brincadeiras existentes na escola e a promessa de um futuro promissor. Assim, os móveis das crianças apontam para as suas relações de amizade e a afetividade trocada com os professores, bem como as oportunidades que a escola pode oferecer. De um modo geral, os móveis estão em grande parte, ligados às relações sociais das crianças com a escola e com aqueles que a constituem, estando o saber escolar a ocupar uma posição menos privilegiada que as brincadeiras e amizades.

Sobre a relação com os professores, podemos considerar como um achado importante o fato de que as crianças veem no professor uma importante referência que elas atribuem em termos de estudo, da vida profissional bem-sucedida e de exemplo de personalidade a ser seguida. O professor possui papel de mediador, aquele que ajuda seus alunos a construir suas estratégias de aprendizagens, aquele que auxilia e procura está próximo e presente. Isso é relevante na medida em que, o professor não faz ideia de como ele exerce influência sobre a vida e os modos de ser e agir de seus alunos.

Quanto à relação com os colegas, percebemos que o contato diário com os amigos de sala e escola contribuiu de forma significativa para a mobilização das crianças em relação à escola. Assim, a instituição educacional, para essas crianças, não é apenas um lugar para aprender a ler, escrever e contar, por exemplo, mas é vista, também, como um ambiente propício para construir amizades e se relacionar com as pessoas.

No que concerne às brincadeiras na escola, vimos que este foi um importante elemento de mobilização das crianças porque a maioria delas são crianças pequenas que acabaram de sair da Educação Infantil, com isso o brincar faz parte de seus cotidianos, assim como o estudar e aprender. Esse fato é compreensível, se pensarmos na realidade as quais estas crianças estão inseridas, em bairros marginalizados. Deste modo, a escola é o lugar mais propício para a realização dessas atividades prazerosas, uma vez que ela proporciona a sensação de liberdade e segurança que a rua não oferece.

No que diz respeito à promessa de um futuro promissor, os dados revelaram que as crianças partícipes de tal trabalho de pesquisa, apostam ser a escola o lugar ideal para, no futuro, elas adquirirem um bom emprego, uma boa casa, uma família, uma vida digna, diferente da realidade vivida por elas. Tal fato se justifica devido à vida difícil e complicada que elas possuem, como por exemplo, morar em bairros onde as oportunidades são precárias, a segurança é inexistente e a violência, em suas várias dimensões, é exacerbada.

Sobre nosso segundo objetivo específico, o qual tratava dos sentidos de ir à escola para as crianças estudadas, pudemos concluir que, para elas, o sentido de frequentar a escola pode ser explicado por ser um lugar de educação e de fazer amigos, bem como um lugar de diversão, de aprender e de formar cidadãos e profissionais. Desta maneira, frequentar a escola é mais que ir para estudar e fazer atividades escolares, frequentar a escola, para essas crianças, é a garantia de uma vida mais alegre e honrada. A escola torna-se o único meio acessível para a construção e concretização de suas esperanças em um mundo melhor e um futuro mais digno.

No que diz respeito à escola como lugar de educação e de se fazer amigos, consideramos que a escola, para as crianças, torna-se o lugar mais propício para a construção de novas amizades, uma vez que andar na rua, brincar na rua é algo complicado e ameaçador. Para as crianças da pesquisa, há muito tempo a escola deixou de ser um lugar apenas de transmissão de conhecimentos e saberes. Isso é relevante na medida em que percebemos o valor e respeito dado à escola, sendo esta considerada um lugar que possibilita grandes relacionamentos e favorece o respeito.

Acerca de a escola ser também um lugar de diversão, compreendemos que este meio educacional proporciona às crianças a liberdade de brincar e, através da brincadeira, se desenvolver. Esse lugar de diversão, como dito em capítulos anteriores, pode ser explicado como sendo um lugar do qual as crianças podem agir e ser como são, sem as ameaças do “mundo lá fora”, ou seja, sem violência, sem o medo. Portanto, a escola torna-se um lugar que refugia essas crianças desse mundo cruel e violento, isso explica a importância de preservá-la.

Sobre a escola ser lugar de formar cidadãos e profissionais, concluímos que as crianças atribuem esse papel somente a ela. Frequentar a escola, estudar e tentar aprender algo significa ter a garantia de um futuro mais digno, conseqüentemente, a certeza de que serão cidadãos competentes, capacitados e trabalhadores. Assim, para essas crianças, a escola é a única detentora do saber, e é só através dela que conseguiremos ter um destino promissor repleto de oportunidades. Como consequência, os profissionais que constituem este meio, principalmente os professores, não podem agir pensando apenas em integrar essas crianças no mercado de trabalho, mas pensar em formar cidadãos críticos, responsáveis e capazes de transformar a realidade em que vivem.

Por fim, sobre a escola como lugar de aprender, concluímos que as crianças acreditam ser a escola o único lugar propício para a construção dessas aprendizagens, como ler, escrever, ter bons modos, etc. Nessa perspectiva, a escola possui um papel de educadora, não cabendo à família esse papel, uma vez que na escola os aparatos intelectuais estão mais acessíveis.

Com base no exposto, consideramos que a relação que essas crianças desenvolvem com a escola e com o saber escolar passa por diversos significados. Por diversos móveis e sentidos que explicam de maneira gloriosa a importância atribuída à escola como saber formal, os motivos que as fazem ir e permanecer na escola. Portanto, cabe a nós compreender que apesar da posição social em que os estudantes se encontram isso não determina o sucesso ou não nos estudos. Torna-se cabível que os professores valorizem as potencialidades de seus educandos, suas histórias de vida, respeitem suas motivações e os sentidos que eles atribuem a escola.

IMPLICAÇÕES DA PESQUISA

Os resultados que esse trabalho nos permitiu encontrar pode ser útil para Pedagogos recém- formados que possuem, em muitos casos, uma visão distorcida das realidades que podem ser encontradas nas escolas que trabalharão. Muitos desses profissionais veem na teoria situações que, em alguns casos, não se enquadram na prática. Um exemplo disso é o fato de que estudam na Universidade modelos de escolas perfeitas, com crianças que aparentam ser iguais. Com isso, os neófitos na profissão docente devem estar atentos às distintas realidades dos alunos, que, sem dúvida, existem nas escolas, como a realidade das crianças da nossa pesquisa, seres pobres e com dificuldades de vida.

A pesquisa também pode ajudar na construção do planejamento de ensino de escolas da periferia. Como percebemos, muitos dos profissionais que trabalham nesse meio educacional não imaginam a importância que eles e a escola possuem para as crianças. Com isso, torna-se imprescindível que esses profissionais repensem suas metodologias de ensino e planejem visando, mais ainda, a integração das crianças neste ambiente de ensino.

Os resultados deste trabalho de pesquisa também nos oferecem dados para que se pense em iniciativas de parcerias entre a escola e a comunidade. Isso se dá, principalmente, em escolas de bairros violentos e marginalizados, uma vez que as crianças se refugiam na

escola para sobreviver à violência que se instaura fora dela. Uma bela parceria entre escola e comunidade, com projetos que visem essa integração, são fundamentais para que os alunos gostem do seu bairro e sintam prazer em conviver nele.

Por fim, esta pesquisa proporciona aos envolvidos com a educação um olhar diferenciado para as crianças que estudam em bairros marginalizados. Em outros termos, isso quer dizer que estudar em uma Escola Pública, de bairros periféricos, não significa que iremos lidar com marginais, com crianças que não possuem perspectivas de vida. Ao contrário, podemos nos deparar com seres humanos sonhadores, questionadores, que buscam e acreditam, apesar das dificuldades, que um dia concretizarão seus ideais. Portanto, devemos apostar nessas crianças, afinal, elas são, sem dúvida alguma, a esperança de um mundo melhor.

SUGESTÕES DE CONTINUIDADE DA PESQUISA

Como primeira sugestão de continuidade, pensamos que seria muito interessante pesquisar a relação dos pais com a escola. Isso se justifica porque muitos pais não participam ativa e rotineiramente da educação de seus filhos dentro da escola. Assim, entendemos que seria importante estudarmos e discutirmos essas relações, uma vez que essa parceria entre pais e escola, pode contribuir para o desenvolvimento, em todos os aspectos, dos educandos.

Também teríamos, como uma segunda sugestão, pesquisar sobre a representação que os professores fazem das crianças da periferia. Hipotetizamos que alguns jovens professores, muitas vezes, veem essas crianças como seres incapazes, que não terão futuro promissor e digno. Desta maneira, a pesquisa sobre esta temática poderia contribuir para eliminar esses preconceitos tão existentes em nossa sociedade.

Como uma terceira sugestão, pensamos que seria interessante pesquisar que relações de parceria a escola busca nesses locais. Ou seja, se são realizados e desenvolvidos projetos nas comunidades das quais as escolas estão inseridas, visando à formação de uma parceria que contribui para o bem social.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 21ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- BRASIL. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Brasília: MEC/SED, 2007.
- BRUNER, I. **Uma nova teoria de aprendizagens**. Bloch Ed: Rio de Janeiro, 1866.
- CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- CHALITA, Gabriel. **Mensagem a quem professa o magistério**. Folha de São Paulo, 15 out. 2005, p.3.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- CHARLOT, Bernard. **Le Rapport au savoir em milieu populaire**. Paris: Anthropos, 1999.
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização** / Emília Ferreiro: Tradução Horácio Gonzales (et. al.). 25. ed. atualizada – São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A escola**. Disponível em <www.umdoistrês.com.br>. Acesso em 15 de novembro de 2012.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**. Goiânia: alternativa, 2001.
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 128 p. – (Pensadores & Educação, v. 4).
- Revista Brasileira de História e Educação, SBHE**. Ed Autores Associados, SP – Campinas, 2001.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. – 23. ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela com os dados da coleta

TABELA COM OS DADOS DA COLETA

DESENHOS

CRIANÇA – IDADE	MÓBEIS (Por que vou à escola)	SENTIDO (Para que serve a escola)
Diego – 6 anos	Para não “virar ladrão”	A escola serve para tirar as crianças do caminho do mal
Joana – 6 anos	Porque gosta da professora, dos colegas e dos brinquedos da escola.	A escola serve para encontrar pessoas queridas e brincar.
Claudiana – 6 anos	Porque gosta da professora, dos colegas e dos brinquedos da escola.	A escola serve para encontrar pessoas queridas e brincar.
Victor – 6 anos	Porque gosta dos colegas e dos brinquedos da escola	A escola serve para encontrar pessoas queridas e brincar.
Luana – 6 anos	Porque gosta do recreio onde brinca com seus amigos	A escola serve para encontrar pessoas queridas e brincar.
Matheus – 6 anos	Porque gosta do recreio onde brinca com seus amigos	A escola serve para encontrar pessoas queridas e brincar.
Talita – 7 anos	Para escrever e desenhar	A escola serve para ensinar a escrever e ler.
Joaquim – 6 anos	Porque gosta de brincar	A escola serve para brincar
Jeferson – 6 anos	Porque gosta de brincar	A escola serve para brincar
Deniana – 6 anos	Para aprender a ler, escrever e brincar	A escola serve para ensinar a escrever e ler. E para brincar.
Laís – 6 anos	Porque gosta de brincar	A escola serve para brincar
Pedro – 7 anos	Para estudar e está com os colegas	A escola serve para ensinar a escrever e ler. E para encontrar pessoas queridas.
Cleiton – 6 anos	Para estudar e brincar	A escola serve para ensinar a escrever e ler. E para brincar.
Virna – 6 anos	Porque gosta dos colegas e da professora	A escola serve para encontrar pessoas queridas.
Francisco – 6 anos	Porque gosta de estudar	A escola serve para ensinar a escrever e ler.

David – 6 anos	Porque gosta de estudar e estar com seus colegas	A escola serve para ensinar a escrever e ler. E para encontrar pessoas queridas.
Denilson – 7 anos	Porque gosta de ler e escrever, e estar com seus colegas	A escola serve para ensinar a escrever e ler. E para encontrar pessoas queridas.
Denis – 7 anos	Porque gosta de escrever, fazer colegas e brincar	A escola serve para ensinar a escrever e ler. Para encontrar pessoas queridas. E para brincar.
Waleska – 7 anos	Porque é um lugar divertido, onde aprendemos a ler e escrever	A escola serve para ensinar a escrever e ler.
Renata – 7 anos	Porque a escola é um lugar organizado, bonito, onde podemos estudar.	A escola serve para proporcionar estudo e organização
Lany – 7 anos	Porque a escola é um lugar organizado, bonito, onde podemos estudar.	A escola serve para proporcionar estudo e organização
Beatriz – 7 anos	Porque gosta de escrever e estar com seus colegas	A escola serve para ensinar a escrever. E para encontrar pessoas queridas.
Isaías – 7 anos	Porque gosta de brincar com os amigos	A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para brincar.
Isaque – 7 anos	Porque gosta de brincar com os amigos	A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para brincar.
Jéssica – 7 anos	Porque gosta da professora e de estudar	A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para proporcionar estudo
Natália – 7 anos	Porque gosta de brincar com os amigos	A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para brincar.
Wellington 7 anos	Porque gosta de brincar com os amigos	A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para brincar.
Tânia– 7 anos	Porque gosta da professora e de estudar matemática	A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para proporcionar estudo
Théo – 7 anos	Porque gosta de estudar e brincar	A escola serve para proporcionar estudo. E para brincar.
Érika – 7 anos	Porque gosta de estudar	A escola serve para proporcionar estudo.
Vanusa – 7 anos	Para aprender	A escola serve para proporcionar aprendizagem.

Carmem – 7 anos	Para aprender	A escola serve para proporcionar aprendizagem.
Caio – 7 anos	Porque gosta dos colegas e da professora	A escola serve para encontrar pessoas queridas.
Adriano – 8 anos	Porque gosta de brincar com os amigos	A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para brincar.
Jeová – 8 anos	Porque gosta de ler, escrever e das árvores da escola	A escola serve para ensinar a escrever e ler.
Iggor – 8 anos	Porque gosta de brincar com os amigos	A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para brincar.
Kátia – 8 anos	Porque a escola é muito divertida	A escola serve para brincar
Milvia – 8 anos	Porque gosta de ler e escrever	A escola serve para ensinar a escrever e ler.
Gabriel – 8 anos	Porque gosta de estudar e ler	A escola serve para proporcionar estudo.
Judite – 8 anos	Porque gosta de estudar e ler	A escola serve para proporcionar estudo.
Manoel – 8 anos	Porque gosta de brincar	A escola serve para brincar
Bento – 8 anos	Porque na escola pode-se brincar e estudar	A escola serve para proporcionar estudo. E para brincar.
Cecília – 8 anos	Porque na escola pode-se brincar e estudar	A escola serve para proporcionar estudo. E para brincar.
Carine – 8 anos	Porque adora estudar	A escola serve para proporcionar estudo.
Benjamin – 8 anos	Porque gosta de brincar, jogar bola.	A escola serve para brincar
Carla - 8 anos	Para estudar e passar de série	A escola serve para proporcionar estudo.
Alan – 8 anos	Porque a escola é legal e nela pode-se brincar	A escola serve para brincar

Alexandre – 8 anos	Porque gosta de estudar e brincar com os amigos	A escola serve para proporcionar estudo. A escola serve para encontrar pessoas queridas. E para brincar.
--------------------	---	--

PRODUÇÕES TEXTUAIS

Lourdes – 9 anos	Porque quer se formar e ter uma profissão	A escola serve para formar profissionais
Laura – 9 anos	Para ter um futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Lucas – 9 anos	Para não se tornar uma pessoa analfabeta	A escola serve para garantir um bom futuro
Louise – 9 anos	Porque a escola é a única esperança da nossa vida, nela a gente aprende	A escola serve para garantir um bom futuro
Iago – 9 anos	Porque a escola faz as pessoas aprenderem	A escola serve para proporcionar estudo.
Álvaro – 9 anos	Para não “virar ladrão”	A escola serve para tirar as crianças do caminho do mal
Kaline – 9 anos	Para estudar, escrever bem	A escola serve para proporcionar estudo.
Erivelton – 9 anos	Para aprender a conviver bem com as pessoas	A escola ensina as pessoas se relacionarem bem
Sara – 9 anos	Para ter um emprego no futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
João – 9 anos	Para ter um futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Raf – 9 anos	Porque gosta de ler e escrever	A escola serve para ensinar a escrever e ler.
Yasmim – 9 anos	Porque gosta de ler e escrever	A escola serve para ensinar a escrever e ler.
Nicolas – 9 anos	Porque gosta de ler e escrever	A escola serve para ensinar a escrever e ler.
Lia – 9 anos	Porque na escola pode-se brincar e estudar	A escola serve para proporcionar estudo. E para brincar.
Tainá – 9 anos	Porque na escola pode-se estudar	A escola serve para proporcionar estudo.
Irlana – 9 anos	Para ter um emprego e ser bem sucedido	A escola serve para garantir um bom futuro
Paloma – 10 anos	Porque quer se formar e ter uma profissão	A escola serve para formar profissionais

Raimundo – 10 anos	Para ter emprego, casa e família no futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Carlos – 10 anos	Porque quer se formar	A escola ajuda na formação
Lucas Brito – 10 anos	Para ter um futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Gabriel Fernandes – 10 anos	Para ter um futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Sheila – 10 anos	Para garantir cidadania através do trabalho	A escola serve para formar cidadãos trabalhadores
Vânia - 10 anos	Para ter um bom futuro, a escola nos ensina a “viver direito”	A escola serve para garantir um bom futuro
Márcia – 10 anos	Porque na escola pode-se estudar	A escola serve para proporcionar estudo.
Helena – 10 anos	Para ter um futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Vinicius – 10 anos	Para ter um futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Maria José– 10 anos	Porque gosta de ler e ensina a respeitar as pessoas	A escola serve para ensinar a ler. E ensina as pessoas a se relacionarem bem
Aparecida – 10 anos	Para não andar no caminho errado e para aprender a ler e escrever	A escola serve para tirar as crianças do caminho do mal. E serve para ensinar a escrever e ler.
André – 10 anos	Para ter um bom trabalho no futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Margarida – 10 anos	Para ter um bom trabalho no futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Sabrina – 10 anos	Para ter um bom trabalho no futuro	A escola serve para garantir um bom futuro
Antônio – 10 anos	Porque na escola pode-se estudar	A escola serve para proporcionar estudo.
Rodrigo – 10 anos	Porque a escola é legal e nela pode-se brincar	A escola serve para brincar
Rafael – 10 anos	Porque na escola pode-se estudar e brincar	A escola serve para proporcionar estudo. E escola serve para brincar

Marcelo – 10 anos	Para não andar no caminho errado	A escola serve para tirar as crianças do caminho do mal.
Ricardo – 10 anos	Porque na escola pode-se estudar	A escola serve para proporcionar estudo.
Danilo – 10 anos	Porque na escola pode-se estudar e as pessoas ficam inteligentes	A escola serve para proporcionar estudo.
Wagner – 10 anos	Porque a escola é legal e nela pode-se brincar	A escola serve para brincar

ENTREVISTAS

Alberto – 8 anos	Para aprender a ler e escrever, também para fazer amigos e no futuro ter um bom emprego	A escola serve para formar profissionais. Para encontrar pessoas queridas. E ensinar a escrever e ler.
Nayane– 8 anos	Para ter um futuro melhor, trabalhar e ser Doutora	A escola serve para garantir um bom futuro
Ronald – 10 anos	Porque na escola pode-se estudar, ter um bom futuro, conseguir trabalho.	A escola serve para garantir um bom futuro. Serve para proporcionar estudo. E para formar cidadãos trabalhadores
José Luís – 10 anos	Para estudar, ter um futuro bom, conseguir um trabalho.	A escola serve para proporcionar estudo. A escola serve para garantir um bom futuro

***Os alunos do 1º, do 2º e do 4º ano, as entrevistas foram realizadas com os mesmos envolvidos no desenho(1º e 2º ano) e produções textuais (4º ano). Dessa forma, os resultados atribuídos estão expostos na parte que cabe aos desenhos e produções textuais. Os alunos do 3º e 5º ano que entrevistamos, são diferentes dos que realizaram tais técnicas. Por este motivo, os alunos do 1º, do 2º e do 4º ano, não estão expostos no quadro das entrevistas, uma vez que os resultados atribuídos na técnica de desenhos e produções textuais, foram os mesmos encontrados na entrevista.**

APÊNDICE B – Roteiro das perguntas para a entrevista

ROTEIRO DAS PERGUNTAS PARA ENTREVISTA

- 01) Você mora em que bairro?
- 02) E como é o seu bairro?
- 03) Você gosta do seu bairro?
- 04) E estudar, você estuda só na escola?
- 05) Você gosta da sua escola?
- 06) O que você gosta de fazer na escola?
- 07) Por que você vem a escola?
- 08) Você gosta de estudar?
- 09) Você acha importante estudar?
- 10) Por que você acha importante estudar?
- 11) O que você aprende na escola?
- 12) Você acha importante frequentar a escola, ir a escola?
- 13) Você tem muitos amigos na escola?
- 14) E se relaciona bem com todos eles?
- 15) E com os professores? Você gosta deles? O que você gosta nos professores?
- 16) E se você tivesse um amigo que nunca foi a escola, que não conhece uma escola, o que você diria para ele sobre este lugar? Como você explicaria para ele o que é a escola?